UNE ✦ SACRA

Esoterismo

Corpus Hermeticum

✦ ✦ ✦

Atribuído a Hermes Trismegisto

Tradução (edição 2.2)

Créditos

Autor	Atribuído a Hermes Trismegisto
Data	Séculos I a III d.C.
Idioma original	Grego arcaico
Versão	Tradução (edição 2.2)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de G. R. S. Mead
Fonte	Internet Archive — The Corpus Hermeticum, tr. G. R. S. Mead
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Corpus Hermeticum é uma coleção de tratados gregos escritos no Egito romano, entre os séculos I e III, e atribuídos a Hermes Trismegisto ("três vezes grandíssimo"), figura que une o deus grego Hermes ao egípcio Thoth.

Em forma de diálogos e revelações — Hermes com seu filho Tat, com Asclépio ou com a própria Mente divina —, os textos tratam de Deus como Mente e Bem, da criação do mundo, da queda e da volta da alma e do renascimento espiritual pela gnose, o conhecimento de Deus.

O primeiro tratado, o Poimandres, narra a visão em que a Mente suprema revela a Hermes a origem do cosmos e do ser humano; o décimo terceiro, o Sermão Secreto da Montanha, descreve o renascimento interior.

Redescoberta em Florença e traduzida para o latim por Marsilio Ficino em 1463, a coleção marcou o Renascimento, a alquimia e todo o esoterismo ocidental.

Aqui estão os tratados I a XIV e XVI a XVIII (a numeração tradicional não tem tratado XV).

Fonte: https://archive.org/details/the-corpus-hermeticum-hermes-trismegistus-g.-r.-s.-mead

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

I. Poimandres, o Pastor dos Homens

II. A Asclépio

III. O Sermão Sagrado

IV. A Taça ou a Mônada

V. Embora não manifesto, Deus é o mais manifesto

VI. Só em Deus está o Bem, e em nenhuma outra parte

VII. O maior mal entre os homens é a ignorância de Deus

VIII. Que nenhuma das coisas existentes perece, mas os homens por erro chamam as suas mudanças de destruições e de mortes

IX. Sobre o pensamento e o sentido

X. A Chave

XI. A Mente a Hermes

XII. Sobre a Mente comum

XIII. O Sermão Secreto da Montanha

XIV. Uma carta a Asclépio

XVI. As definições de Asclépio ao rei Amom

XVII. Asclépio ao rei

XVIII. O elogio dos reis

I. POIMANDRES, O PASTOR DOS HOMENS

✦

Aconteceu certa vez que minha mente meditava sobre as coisas que são; meu pensamento elevou-se a grande altura, e os sentidos do meu corpo ficaram suspensos — como os homens que estão pesados de sono depois de muita comida ou por cansaço do corpo. Pareceu-me que um Ser mais que imenso, de tamanho além de todo limite, chamava o meu nome e me dizia: Que queres ouvir e ver, e que tens em mente aprender e conhecer?

E eu digo: Quem és tu? Ele diz: Eu sou o Homem-Pastor (Poimandres), a Mente de todo o domínio; sei o que desejas e estou contigo em toda parte.

[E] eu respondo: Anseio por aprender as coisas que são, compreender sua natureza e conhecer a Deus. É isto, disse eu, o que desejo ouvir. Ele me respondeu: Guarda em tua mente tudo o que queres saber, e eu te ensinarei.

Com estas palavras mudou-se o Seu aspecto, e logo, num piscar de olhos, todas as coisas se abriram diante de mim, e vejo uma Visão sem limites: todas as coisas transformadas em Luz — uma [Luz] doce e alegre. E fiquei extasiado ao contemplá-la.

Mas pouco depois uma Treva veio descendo sobre uma parte [dela], terrível e sombria, enrolando-se em dobras sinuosas, de modo que me pareceu semelhante a uma serpente.

E então a Treva transformou-se numa espécie de Natureza Úmida, agitada além de todo poder das palavras, lançando fumaça como de um fogo e ge-

mendo um som lamentoso que nenhuma descrição alcança. [E] depois disso saiu dela um clamor inarticulado, como se fosse uma Voz de Fogo.

[Então] da Luz [...] uma Palavra Santa (Logos) desceu sobre aquela Natureza. E para o alto, da Natureza Úmida, saltou o Fogo puro; era leve, rápido e também ativo. O Ar, sendo também leve, seguiu o Fogo, subindo da Terra-e-Água até o Fogo, de modo que parecia estar suspenso dele. Mas a Terra-e-Água permaneceu tão misturada uma com a outra que ninguém podia distinguir a Terra da Água. E, no entanto, eram movidas a ouvir por causa da Palavra-Espírito (Logos) que as penetrava.

Então me diz o Homem-Pastor: Compreendeste o que significa esta Visão? Não; isso hei de saber, disse eu. Aquela Luz, disse Ele, sou eu, teu Deus, a Mente, anterior à Natureza Úmida que apareceu da Treva; a Palavra-Luz (Logos) [que apareceu] da Mente é o Filho de Deus. E então?

— digo eu. Sabe que aquilo que em ti vê e ouve é a Palavra (Logos) do Senhor; mas a Mente é o Deus-Pai. Não estão separados um do outro; é antes na sua união que consiste a Vida. Graças te dou, disse eu. Compreende, pois, a Luz [respondeu Ele], e faze-te amigo dela.

E, falando assim, olhou longamente nos meus olhos, de modo que tremi diante do seu olhar. Mas, quando Ele ergueu a cabeça, vejo na Mente a Luz, [mas] agora em Potências que ninguém poderia contar, e o Cosmos crescido além de todo limite, e que o Fogo estava cercado por uma Potência poderosíssima e, [agora] dominado, havia chegado ao repouso. E quando vi estas coisas, compreendi-as por meio da Palavra (Logos) do Homem-Pastor.

Mas, estando eu em grande assombro, Ele me diz outra vez: Contemplaste na Mente a Forma Arquetípica, cujo ser é anterior ao princípio sem fim. Assim me falou o Homem-Pastor. E eu digo: De onde, então, recebem o ser os elementos da Natureza? A isto Ele responde: Da Vontade de Deus. [A Natureza] recebeu a Palavra (Logos) e, contemplando o Cosmos Belo, copiou-o, fazendo-se ela mesma um cosmos por meio dos seus próprios elementos e dos nascimentos das almas.

E o Deus-Mente, sendo ao mesmo tempo masculino e feminino, subsistindo como Luz e Vida, gerou outra Mente para dar forma às coisas, a qual, sendo Deus de Fogo e de Espírito, formou Sete Governantes que envolvem o cosmos que os sentidos percebem. Os homens chamam o seu governo de Destino.

Logo, dos elementos inferiores, a Razão (Logos) de Deus saltou para a pura formação da Natureza e uniu-se à Mente Formadora, pois era da mesma essência que ela. E os elementos inferiores da Natureza ficaram assim privados de razão, de modo a serem pura matéria.

Então a Mente Formadora ([unida] à Razão), aquela que envolve as esferas e as faz girar com seu turbilhão, pôs em movimento as suas formações e deixou-as girar desde um princípio sem limite até um fim sem fim. Pois a circulação destas [esferas] começa onde termina, como a Mente quer.

E dos elementos inferiores a Natureza gerou seres vivos sem razão, pois Ele não estendeu [a eles] a Razão (Logos). O Ar gerou os seres alados; a Água, os que nadam; e a Terra e a Água separaram-se uma da outra, como a Mente quis. E de seu seio a Terra produziu os seres vivos que tinha: quadrúpedes e répteis, animais selvagens e mansos.

Mas a Mente, Pai de todos, sendo Vida e Luz, gerou o Homem igual a Si mesma, pelo qual se apaixonou, como por seu próprio filho; pois ele era belo acima de toda comparação, a Imagem de seu Pai. Em verdade, Deus apaixonou-se pela sua própria Forma; e concedeu-lhe todas as suas formações.

E quando ele contemplou o que o Formador havia criado no Pai, [o Homem] também quis formar; e [assim] o Pai lhe deu o seu consentimento. Passando à esfera formadora, onde haveria de ter toda a autoridade, contemplou as criaturas de seu Irmão. Elas se apaixonaram por ele, e cada uma lhe deu uma parte da sua própria ordem. E depois que ele aprendeu bem a essência delas e se tornou participante da sua natureza, quis romper completamente o Limite das suas esferas e dominar a força daquele que pesava sobre o Fogo.

Então aquele que tem toda a autoridade sobre [todos] os mortais do cosmos e sobre os seus seres irracionais inclinou o rosto para baixo através da Harmonia, rompendo-lhe a força, e mostrou à Natureza inferior a bela forma de Deus.

E quando ela viu aquela Forma de beleza que jamais sacia, e aquele que [agora] possuía em si cada uma das energias dos [sete] Governantes, além da própria Forma de Deus, sorriu de amor; pois era como se tivesse visto a imagem da mais bela forma do Homem sobre a sua Água, a sua sombra sobre a sua Terra.

Ele, por sua vez, contemplando a forma semelhante a si mesmo que existia nela, em sua Água, amou-a e quis habitar nela; e com a vontade veio o ato, e [assim] ele vivificou a forma desprovida de razão. E a Natureza tomou o

objeto do seu amor e envolveu-se completamente em torno dele, e eles se entrelaçaram, pois eram amantes.

⁂

E é por isso que, acima de todas as criaturas da terra, o homem é duplo: mortal por causa do corpo, mas imortal por causa do homem essencial. Embora imortal e possuidor de domínio sobre tudo, sofre como sofre um mortal, sujeito ao Destino. Assim, embora acima da Harmonia, dentro da Harmonia tornou-se escravo. Embora masculino-feminino, como nascido de um Pai masculino-feminino, e embora sem sono, nascido de um [Pai] sem sono, é vencido [pelo sono].

Então [digo eu: Continua a ensinar], ó Mente minha, pois eu também estou enamorado da Palavra (Logos). O Pastor disse: Este é o mistério guardado oculto até o dia de hoje. A Natureza, abraçada pelo Homem, gerou uma maravilha, oh, tão maravilhosa!

Pois como ele tinha a natureza da Harmonia dos Sete, que, como te disse, [foram feitos] de Fogo e Espírito, a Natureza não tardou, mas imediatamente gerou sete "homens", correspondentes às naturezas dos Sete, masculino-femininos e movendo-se no ar. Então [eu disse]: Ó Pastor, ..., pois agora estou cheio de grande desejo e anseio por ouvir; não te afastes.

O Pastor disse: Guarda silêncio, pois ainda não desenrolei para ti o primeiro discurso (logos). Eis que estou calado, disse eu.

Desse modo, então, como eu disse, deu-se a geração destes sete. A Terra era como mulher, e sua Água estava cheia de desejo; do Fogo ela tomou a maturidade, do Éter o espírito. A Natureza produziu assim corpos que convi-

nham à forma do Homem. E o Homem, de Luz e Vida, transformou-se em alma e mente — da Vida em alma, da Luz em mente. E assim permaneceram todas as partes do mundo sensível até o período do seu fim e de novos começos.

Ouve agora o restante do discurso (Logos) que anseias por ouvir. Terminado o período, o laço que os unia a todos foi desatado pela Vontade de Deus. Pois todos os animais, sendo masculino-femininos, foram separados ao mesmo tempo que o Homem; alguns tornaram-se em parte masculinos, outros, do mesmo modo, [em parte] femininos.

E logo Deus falou por sua Santa Palavra (Logos): "Crescei em crescimento e multiplicai-vos em multidão, todas as criaturas e criações; e o homem que tem Mente em si aprenda a conhecer que ele mesmo é imortal, e que a causa da morte é o amor, embora o Amor seja tudo."

Ditas estas palavras, a Sua Providência, por meio do Destino e da Harmonia, realizou os seus acasalamentos e fundou as suas gerações. E assim todas as coisas se multiplicaram segundo a sua espécie. E aquele que assim aprendeu a conhecer-se a si mesmo alcançou aquele Bem que transcende a abundância; mas aquele que, por um amor que desvia, gasta o seu amor com o corpo, esse permanece vagando na Treva e sofrendo pelos sentidos as coisas da Morte.

Que falta tão grande é essa, disse eu, que os ignorantes cometem, para serem privados da imortalidade? Pareces, disse Ele, ó tu, não ter dado atenção ao que ouviste. Não te mandei pensar? Sim, penso, e me lembro, e por isso Te dou graças. Se pensaste [nisso], [disse Ele], dize-me: por que merecem a morte os que estão na Morte? É porque a Treva sombria é a raiz e a base do

corpo material; dela veio a Natureza Úmida; desta se compôs o corpo no mundo sensível; e deste [corpo] a Morte bebe a Água.

Correto foi o teu pensamento, ó tu! Mas como é que "aquele que se conhece a si mesmo vai para Ele", como declarou a Palavra (Logos) de Deus? E eu respondo: o Pai de todas as coisas consiste de Luz e Vida, e dele nasceu o Homem. Dizes bem, falando [assim]. Luz e Vida é o Deus-Pai, e dele nasceu o Homem.

Se, pois, aprendes que tu mesmo és de Vida e Luz, e que [acontece] seres formado delas, voltarás outra vez à Vida. Assim falou o Homem-Pastor. Mas dize-me ainda, Mente minha, exclamei eu, como hei de voltar outra vez à Vida... pois Deus diz: "O homem que tem Mente em si aprenda a conhecer que ele mesmo [é imortal]."

Não têm então todos os homens Mente? Dizes bem, ó tu, falando assim. Eu, a Mente, estou presente junto aos homens santos e bons, aos puros e misericordiosos, aos que vivem piedosamente. [Para esses] a minha presença torna-se um auxílio, e logo eles alcançam a gnose de todas as coisas, conquistam o amor do Pai por sua vida pura e Lhe dão graças, invocando sobre Ele bênçãos e entoando hinos, voltados para Ele com amor ardente.

E antes de entregarem o corpo à sua morte própria, afastam-se com desgosto das suas sensações, sabendo que coisas elas produzem. Mais ainda: sou eu, a Mente, que não deixarei que as operações que acometem o corpo cheguem ao seu fim [natural]. Pois, sendo o porteiro, fecharei [todas] as entradas e cortarei as ações mentais que as energias baixas e más induzem.

Mas dos que não têm Mente, dos ímpios e depravados, dos invejosos e cobiçosos, dos que cometem assassínio e amam a impiedade, eu estou longe, cedendo o meu lugar ao Daimon Vingador, que, aguçando o fogo, o atormenta, acrescenta fogo ao fogo sobre ele e se lança sobre ele através dos sentidos, tornando-o assim mais pronto para as transgressões da lei, de modo que encontra tormento maior; e ele jamais deixa de desejar apetites desordenados, lutando insaciavelmente nas trevas.

⁂

Bem me ensinaste tudo, como eu desejava, ó Mente. E agora, peço-te, fala-me ainda da natureza do Caminho para o Alto, tal como agora é [para mim]. A isto o Homem-Pastor disse: Quando o corpo material está para ser dissolvido, primeiro entregas o próprio corpo à obra da mudança, e assim a forma que tinhas desaparece, e entregas ao Daimon o teu modo de vida, privado da sua energia.

Os sentidos do corpo voltam então às suas fontes, separando-se, e ressurgem como energias; e a paixão e o desejo retiram-se para aquela natureza que é desprovida de razão.

E é assim que o homem segue depois o seu caminho para o alto através da Harmonia. À primeira zona entrega a Energia do Crescimento e do Minguar; à segunda [zona], a Maquinação dos Males, [agora] sem energia; à terceira, o Engano dos Desejos, sem energia; à quarta, a sua Arrogância Dominadora, [também] sem energia; à quinta, a Ousadia ímpia e a Temeridade da Audácia, sem energia; à sexta, a Ambição de Riqueza por meios maus, privada do seu engrandecimento; e à sétima zona, a Mentira que Enreda, sem energia.

E então, despojado de todas as energias da Harmonia, revestido da sua própria Potência, chega àquela Natureza que pertence à Oitava, e ali, com os que são, canta hinos ao Pai.

Os que ali estão acolhem com alegria a sua chegada; e ele, tornado semelhante aos que ali habitam, ouve ainda as Potências que estão acima da Natureza que pertence à Oitava, cantando a Deus seus cânticos de louvor numa linguagem própria. E então eles, em cortejo, sobem ao Pai, à sua morada; por si mesmos entregam-se às Potências e, [assim] tornando-se Potências, estão em Deus.

Este é o bom fim dos que alcançaram a Gnose: tornar-se um com Deus. Por que, então, haverias de tardar? Não é preciso, já que tudo recebeste, que mostres o caminho aos dignos, para que por ti o gênero humano seja salvo por [teu] Deus?

Tendo dito isto, o Homem-Pastor misturou-se às Potências. Mas eu, dando graças e bênçãos ao Pai das [Potências] universais, fui libertado, cheio da potência que Ele havia derramado em mim e cheio do que me ensinara sobre a natureza do Todo e sobre a mais elevada Visão.

E comecei a pregar aos homens a Beleza da Devoção e da Gnose: Ó povos, gente nascida da terra, vós que vos entregastes à embriaguez, ao sono e à ignorância de Deus, sede sóbrios agora, cessai a vossa saciedade, deixai de ser enfeitiçados pelo sono irracional!

E quando ouviram, vieram todos de comum acordo. Então eu digo: Gente nascida da terra, por que vos entregastes à Morte, quando tendes ainda o poder de participar da Imortalidade? Arrependei-vos, vós que andais de

braço dado com o Erro e fazeis da Ignorância a companheira da vossa mesa; saí da luz da Treva e tomai parte na Imortalidade, abandonai a Destruição!

E alguns deles, com zombarias nos lábios, partiram [de mim], entregando-se ao Caminho da Morte; outros suplicavam ser ensinados, lançando-se aos meus pés. Mas eu os fiz levantar e tornei-me guia da Raça em direção à sua morada, ensinando as palavras (logoi): como e de que modo serão salvos. Semeei neles as palavras (logoi) da sabedoria; foi-lhes dado a beber da Água Imortal.

E quando chegou a tarde e todos os raios do sol começaram a se pôr, mandei que todos dessem graças a Deus. E quando terminaram de dar graças, cada um voltou para o seu lugar de repouso.

Mas eu gravei em meu coração o benefício do Homem-Pastor e, com toda a minha esperança realizada, alegrei-me mais que tudo. Pois o sono do corpo tornou-se o despertar da alma, e o fechar dos olhos, a verdadeira visão; meu silêncio, grávido do Bem; e a expressão da minha palavra (logos), geração de coisas boas.

Tudo isto me sucedeu pela minha Mente, isto é, o Homem-Pastor, a Palavra (Logos) de todo o domínio, por quem, inspirado por Deus, cheguei à Planície da Verdade. Por isso, com toda a minha alma e força, dou graças ao Deus-Pai.

Santo és Tu, ó Deus, Pai de todas as coisas. Santo és Tu, ó Deus, cuja Vontade se realiza por meio das suas próprias Potências. Santo és Tu, ó Deus, que queres ser conhecido e és conhecido pelos Teus. Santo és Tu, que pela Palavra (Logos) fizeste subsistir as coisas que são. Santo és Tu, de quem

toda a Natureza foi feita imagem. Santo és Tu, cuja Forma a Natureza jamais fez.

Santo és Tu, mais poderoso que todo poder. Santo és Tu, que transcendes toda excelência. Santo és Tu, melhor que todo louvor. Aceita as puras oferendas da minha razão, de uma alma e de um coração para sempre estendidos a Ti, ó Tu, inefável, indizível, cujo Nome nada senão o Silêncio pode exprimir.

Ouve-me, a mim que rogo para que jamais me falte a Gnose, [a Gnose] que é a natureza do nosso ser comum; e enche-me da Tua Potência e desta [Tua] Graça, para que eu dê a Luz aos que, da Raça, estão na ignorância, meus Irmãos e Teus Filhos. Por isso creio e dou testemunho; vou para a Vida e a Luz. Bendito és Tu, ó Pai. O Teu Homem quer ser santo como Tu és santo, assim como Tu lhe deste a Tua plena autoridade [para sê-lo].

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. A ASCLÉPIO

✦

Hermes: Tudo o que é movido, Asclépio, não é movido em alguma coisa e por alguma coisa? Asclépio: Certamente. H: E não deve aquilo em que é movido ser maior que o movido? A: Deve. H: E o que move, por sua vez, tem maior poder que o movido? A: Tem, sem dúvida. H: E a natureza daquilo em que é movido deve, além disso, ser inteiramente outra que a natureza do movido? A: Deve, completamente.

H: E não é este cosmos imenso, [tão imenso] que não existe corpo maior do que ele? A: Certamente. H: E também maciço, pois está repleto de multidões de outros corpos poderosos, ou melhor, de todos os outros corpos que existem? A: Está. H: E, no entanto, o cosmos é um corpo? A: É um corpo. H: E um corpo que é movido?

A: Certamente. H: De que tamanho, então, deve ser o espaço em que é movido, e de que espécie [deve ser] a natureza [desse espaço]? Não deve ser muito mais vasto [que o cosmos], para que possa dar lugar ao seu curso contínuo, de modo que o movido não fique apertado por falta de espaço e perca o seu movimento? A: Algo, ó Três Vezes Grandíssimo, imensamente vasto deve ser.

H: E de que natureza? Não deve ser, Asclépio, justamente da natureza contrária? E não é o contrário do corpo o incorpóreo? A: De acordo. H: O espaço, então, é incorpóreo. Mas o incorpóreo deve ser ou algo divino ou Deus [mesmo]. E por "algo divino" não entendo o gerável [isto é, aquilo que é gerado], mas o ingênito.

Se, pois, o espaço é algo divino, é substancial; mas se é Deus [mesmo], transcende a substância. Mas deve ser pensado de outro modo [que Deus], e desta maneira. Deus é primeiramente "pensável" ou "inteligível" para nós, não para Si mesmo, pois a coisa pensada cai sob o sentido de quem pensa. Deus, então, não pode ser "pensável" para Si mesmo, porquanto é pensado por Si mesmo como não sendo outra coisa senão o que Ele pensa. Mas para nós Ele é "algo outro", e por isso é pensado por nós.

Se o espaço, por conseguinte, deve ser pensado, [deve] não [ser pensado como] Deus, mas como espaço. Se Deus também deve ser pensado, [deve] não [ser concebido] como espaço, mas como energia capaz de conter [todo o espaço]. Além disso, tudo o que é movido é movido não no movido, mas no estável.

E aquilo que move [outra coisa] é, sem dúvida, estacionário, pois é impossível que se mova junto com ela. A: Como é, então, ó Três Vezes Grandíssimo, que as coisas daqui de baixo são movidas junto com as que [já] são movidas? Pois disseste que as esferas errantes eram movidas pela esfera não errante.

H: Isto não é, ó Asclépio, um mover-se com, mas um mover-se contra; elas não são movidas umas com as outras, mas umas contra as outras. É esta contrariedade que converte a resistência do seu movimento em repouso. Pois essa resistência é o repouso do movimento.

Por isso também as esferas errantes, sendo movidas em sentido contrário à não errante, são movidas umas pelas outras por mútua contrariedade, [e também] pela esfera estável por meio da própria contrariedade. E isto não

pode ser de outro modo. As Ursas lá no alto, isto é, a Ursa Maior e a Menor, que nunca se põem nem nascem, pensas que repousam ou que se movem?

A: Movem-se, ó Três Vezes Grandíssimo. H: E qual é o seu movimento, meu Asclépio? A: Um movimento que gira para sempre em torno do mesmo. H: Mas a revolução — o movimento em torno do mesmo — é fixada pelo repouso. Pois o "em-torno-do-mesmo" detém o "além-do-mesmo".

O "além-do-mesmo", então, sendo detido, se é firmado no "em-torno-do-mesmo", o contrário permanece firme, tornado sempre estável pela sua contrariedade.

Disto te darei aqui na terra um exemplo que os olhos podem ver. Observa os animais aqui de baixo — um homem, por exemplo, nadando! A água se move, e no entanto a resistência das suas mãos e pés lhe dá estabilidade, de modo que ele não é arrastado com ela nem afunda por ela. A: Trouxeste, ó Três Vezes Grandíssimo, um exemplo claríssimo.

H: Todo movimento, então, é causado no repouso e pelo repouso. O movimento, por conseguinte, do cosmos (e de todo outro animal hílico, isto é, material) não será causado por coisas exteriores ao cosmos, mas por coisas interiores [que se voltam] para o exterior — [coisas] tais como a alma, ou o espírito, ou alguma outra coisa incorpórea.

Não é o corpo que move o ser vivo que nele está; não, nem mesmo o todo [o corpo do universo move um corpo menor], ainda que nele não haja vida.

A: Que queres dizer com isso, ó Três Vezes Grandíssimo? Não são, então, os corpos que movem o tronco e a pedra e todas as outras coisas inanimadas?

H: De modo nenhum, ó Asclépio. O algo-no-corpo, o aquilo-que-move a coisa inanimada, isso certamente não é um corpo, pois move a ambos — tanto o corpo de quem levanta como o do que é levantado.

De modo que uma coisa sem vida não moverá outra coisa sem vida. Aquilo que move [outra coisa] é animado, porquanto é o motor. Vês, então, quão carregada está a alma, pois só ela levanta dois corpos. Que as coisas movidas, além disso, são movidas em alguma coisa, assim como movidas por alguma coisa, é claro.

⁂

A: Sim, ó Três Vezes Grandíssimo, as coisas movidas devem necessariamente ser movidas em algo vazio. H: Dizes bem, ó [meu] Asclépio! Pois nada das coisas que são é vazio. Só o "não-é" é vazio [e] estranho à subsistência. Pois aquilo que é subsistente jamais pode tornar-se vazio.

A: Não existem, então, ó Três Vezes Grandíssimo, coisas como um tonel vazio, por exemplo, e uma jarra vazia, uma taça e uma tina, e outras coisas semelhantes? H: Ai, Asclépio, quão longe vagueias da verdade! Pensas que as coisas mais cheias e mais repletas são vazias?

A: Que queres dizer, ó Três Vezes Grandíssimo? H: Não é o ar um corpo? A: É. H: E este corpo não penetra todas as coisas e, penetrando-as, não as enche? E o "corpo" — não consiste o corpo da mistura dos "quatro" elementos? Cheias de ar, então, estão todas as coisas que chamas vazias; e, se de ar, então dos "quatro".

Além disso, daqui se segue o inverso: todas as coisas que chamas cheias estão vazias — de ar; pois têm o seu espaço ocupado por outros corpos e, por

conseguinte, não podem receber o ar em si. Estas, então, que dizes serem vazias, deveriam ser chamadas ocas, não vazias; pois não só existem, como estão cheias de ar e de espírito.

A: O teu argumento (logos), ó Três Vezes Grandíssimo, não pode ser contestado; o ar é um corpo. Ademais, é este corpo que penetra todas as coisas e, penetrando-as, as enche. Como devemos, então, chamar aquele espaço em que o todo se move? H: O incorpóreo, Asclépio. A: Que é, então, o Incorpóreo?

H: É Mente e Razão (logos), todo saído do todo, que tudo abarca em si, livre de todo corpo, livre de todo erro, insensível ao corpo e intocável, firmado em si mesmo, contendo tudo, conservando as coisas que são, cujos raios, para usar uma imagem, são o Bem, a Verdade, a Luz além da luz, o Arquétipo da alma. A: Que é, então, Deus?

H: Ele não é nenhuma destas coisas; pois é Ele quem as faz ser, a todas e a cada uma e a cada coisa de todas as que são. Nem deixou de lado coisa alguma que não seja; mas todas provêm das coisas-que-são, e não das coisas-que-não-são. Pois as coisas-que-não-são não têm por natureza nenhum poder de ser coisa alguma, mas têm por natureza o poder da incapacidade-de-ser. E, inversamente, as coisas-que-são não têm a natureza de em algum tempo não-ser.

A: Que dizes, então, que Deus é? H: Deus, por conseguinte, não é Mente, mas Causa de que a Mente seja; Deus não é Espírito, mas Causa de que o Espírito seja; Deus não é Luz, mas Causa de que a Luz seja. Por isso se deve honrar a Deus com estes dois nomes [o Bem e o Pai], nomes que pertencem só a Ele e a mais ninguém.

Pois nenhum dos outros chamados deuses, nenhum dos homens ou dos daimones pode ser em medida alguma Bom, mas só Deus; e Ele só é Bom, e nada mais. As demais coisas são todas separáveis da natureza do Bem; pois [todas as demais] são alma e corpo, que não têm lugar capaz de conter o Bem.

Pois tão poderosa é a Grandeza do Bem quanto o Ser de todas as coisas que são — tanto corpos como coisas incorpóreas, coisas sensíveis e coisas inteligíveis. Não chames, portanto, Bom a nenhuma outra coisa, pois serias ímpio; nem chames jamais Deus a coisa alguma senão ao Bem somente, pois assim serias de novo ímpio.

Embora, então, todos falem do Bem, nem todos compreendem o que ele é. Não só, então, Deus não é compreendido por todos, mas, por ignorância, dão o nome de Bom tanto aos deuses como a alguns homens, embora estes jamais possam ser ou tornar-se Bons. Pois eles são muito diferentes de Deus, ao passo que o Bem jamais pode ser distinguido d'Ele, pois Deus é o mesmo que o Bem.

Os demais imortais são, ainda assim, honrados com o nome de Deus e chamados deuses; mas Deus é Bom não por cortesia, e sim por natureza. Pois a natureza de Deus e o Bem são uma só coisa; uma só é a espécie de ambos, da qual [procedem] todas as outras espécies. O Bem é aquele que dá todas as coisas e nada recebe. Deus, então, dá todas as coisas e nada recebe. Deus, então, é o Bem, e o Bem é Deus.

O outro nome de Deus é Pai, também porque Ele é aquele-que-faz-todas-as-coisas. A parte do pai é fazer. Por isso gerar filhos é coisa muito grande e muito piedosa na vida para os que pensam retamente, e deixar a vida na

terra sem filho é um infortúnio e uma impiedade muito grandes; e aquele que não tem filho é castigado pelos daimones depois da morte.

E este é o castigo: a alma daquele homem que não tem filho será condenada a um corpo que não tem natureza nem de homem nem de mulher, coisa maldita sob o sol. Por isso, Asclépio, não tenhas simpatia pelo homem que não tem filho, mas antes lamenta a sua desgraça, sabendo que castigo o espera.

Que tudo o que foi dito seja para ti, Asclépio, uma introdução à gnose da natureza de todas as coisas.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. O SERMÃO SAGRADO

✦

A Glória de todas as coisas é Deus, a Divindade e a Natureza Divina. Fonte das coisas que são é Deus, que é ao mesmo tempo Mente e Natureza — sim, Matéria, a Sabedoria que revela todas as coisas. Fonte [também] é a Divindade — sim, Natureza, Energia, Necessidade e Fim, e o Fazer-novo-outra-vez.

Uma Treva sem limites havia no Abismo, e Água [também], e um Sopro sutil e inteligente; estavam pela Potência de Deus no Caos. Então surgiu a Luz Santa; e reuniram-se sob o Espaço Seco (literalmente: "areia"), a partir da Essência Úmida, os Elementos; e todos os Deuses separam as coisas da Natureza fecunda.

Estando todas as coisas indefinidas e ainda não trabalhadas, as coisas leves foram destinadas à altura; as pesadas tiveram seus alicerces assentados embaixo da parte úmida do Espaço Seco, sendo as coisas universais delimitadas pelo Fogo e suspensas no Sopro para sustê-las.

E o Céu foi visto em sete círculos; os seus Deuses eram visíveis em formas de estrelas com todos os seus signos; enquanto a Natureza tinha os seus membros articulados juntamente com os Deuses que nela estão. E a periferia [do Céu] girava em curso cíclico, levada pelo Sopro de Deus.

E cada Deus, por sua própria potência, produziu o que lhe fora designado. Assim surgiram os quadrúpedes, os répteis, os que vivem na água, os seres

alados, e tudo o que dá semente, a erva e o broto de toda flor, todos tendo em si a semente do tornar-a-ser.

E [os Deuses] escolheram os nascimentos dos homens para a gnose das obras de Deus e testemunho da energia da Natureza; a multidão dos homens, para o domínio sobre tudo o que está sob o céu e a gnose das suas bênçãos, para que crescessem em crescimento e se multiplicassem em multidão; e toda alma encarnada pela revolução dos Deuses Cíclicos, para a observação das maravilhas do Céu e da revolução dos Deuses do Céu, e das obras de Deus e da energia da Natureza, como sinais das suas bênçãos, para a gnose da potência de Deus, a fim de que conhecessem os destinos que seguem as [ações] boas e más e aprendessem a obra engenhosa de todas as boas artes.

[Assim] começa o seu viver e o seu tornar-se sábios, segundo o destino determinado pela revolução dos Deuses Cíclicos, e o seu morrer para esse fim. E haverá sobre a terra poderosos memoriais das obras das suas mãos, que deixarão um vestígio apagado quando os ciclos se renovarem.

Pois todo nascimento de carne animada, e do fruto da semente, e toda obra das mãos, ainda que se corrompa, há de necessariamente renovar-se, tanto pela renovação dos Deuses como pelo girar da roda rítmica da Natureza. Pois, enquanto a Divindade é o eterno renovar da mistura cósmica pela Natureza, a própria Natureza está também co-estabelecida nessa Divindade.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. A TAÇA OU A MÔNADA

✦

Hermes: Com a Razão (Logos), não com as mãos, o Fazedor do Mundo fez o Mundo universal; de modo que deves pensar nele como estando em toda parte e sendo para sempre, o Autor de todas as coisas, Uno e Único, que por sua Vontade criou todos os seres. Este seu Corpo é coisa que ninguém pode tocar, nem ver, nem medir; um corpo sem extensão, semelhante a nenhum outro.

Não é Fogo nem Água, nem Ar nem Sopro; e, no entanto, todos eles vêm dele. Ora, sendo Bom, quis consagrar este [Corpo] somente a Si mesmo, e pôr em ordem e adornar a sua Terra.

Então enviou para baixo [à Terra] o Cosmos deste Corpo Divino — o homem, uma vida que não pode morrer, e contudo uma vida que morre. E sobre [todas as outras] vidas e sobre o Cosmos [também] o homem sobressaiu por causa da Razão (Logos) e da Mente. Pois o homem tornou-se contemplador das obras de Deus; maravilhou-se e esforçou-se por conhecer o seu Autor.

A Razão (Logos), de fato, ó Tat, Ele distribuiu entre todos os homens, mas a Mente ainda não; não porque a negue a alguém por inveja, pois a inveja não procede d'Ele, mas tem o seu lugar embaixo, nas almas dos homens que não têm Mente. Tat: Por que então, ó pai, Deus não concedeu a todos uma parte da Mente? H: Ele quis, meu filho, que ela fosse posta no meio para as almas, como se fosse um prêmio.

T: E onde a pôs? H: Encheu com ela uma grande Taça e enviou-a para baixo, juntando-lhe um Arauto, a quem ordenou que fizesse aos corações dos homens esta proclamação: Batiza-te com o batismo desta Taça, tu, coração que podes fazê-lo; tu que tens fé de que podes subir até aquele que enviou a Taça; tu que sabes para que vieste a ser!

Todos, então, os que compreenderam a mensagem do Arauto e se mergulharam na Mente tornaram-se participantes da Gnose; e quando "receberam a Mente", foram feitos "homens perfeitos". Mas os que não compreendem a mensagem, esses, por possuírem [apenas] o auxílio da Razão e não a Mente, ignoram por que vieram a ser e por obra de quem.

Os sentidos desses homens são como os das criaturas irracionais; e como toda a sua constituição está nos sentimentos e nos impulsos, falta-lhes toda apreciação (literalmente: "não se maravilham") daquelas coisas que realmente merecem contemplação.

Estes concentram todo o seu pensamento nos prazeres do corpo e nos seus apetites, crendo que é por causa dele que o homem veio a ser. Mas os que receberam alguma parte do dom de Deus, esses, Tat, se os julgarmos pelas suas obras, alcançaram a libertação dos laços da Morte; pois abarcam em sua própria Mente todas as coisas: as coisas da terra, as coisas do céu e as coisas acima do céu — se algo houver.

E, tendo-se elevado tão alto, avistam o Bem; e, tendo-o avistado, consideram a sua permanência aqui um infortúnio; e, desdenhando tudo, tanto as coisas corpóreas como as incorpóreas, apressam o seu caminho rumo àquele Uno e Único.

Esta é, ó Tat, a Gnose da Mente, Visão das coisas Divinas; é o conhecimento de Deus, pois a Taça é de Deus. T: Pai, eu também quero ser batizado. H: Se primeiro não odiares o teu Corpo, filho, não podes amar o teu Eu. Mas, se amares o teu Eu, terás a Mente, e, tendo a Mente, participarás da Gnose. T: Pai, que queres dizer?

H: Não é possível, meu filho, entregar-te a ambos — quero dizer, às coisas que perecem e às coisas divinas. Pois, vendo que as coisas existentes são duas, Corpo e Incorpóreo, nas quais se entendem o perecível e o divino, ao homem que tem vontade de escolher resta a escolha de um ou de outro; pois jamais os dois se poderão encontrar. E naquelas almas a quem cabe a escolha, o minguar de um faz aparecer o crescimento do outro.

Ora, a escolha do Melhor não só se revela a sorte mais bela para quem a faz, visto que faz do homem um Deus, como também mostra a sua piedade para com Deus. Ao passo que a [escolha] do Pior, embora destrua o "homem", só perturba a harmonia de Deus na medida em que, assim como os cortejos passam pelo meio do caminho sem poder fazer outra coisa senão tirar a estrada aos outros, assim também tais homens desfilam em cortejo pelo mundo, levados pelos prazeres do corpo.

Sendo assim, ó Tat, o que vem de Deus foi e será nosso; mas aquilo que depende de nós, que isso avance e não tarde, pois não é Deus, somos nós a causa das coisas más, preferindo-as às boas.

Vês, filho, por quantos corpos temos de passar, quantos são os coros dos daimones, quão vasto o sistema dos cursos dos astros [pelos quais passa o nosso Caminho], para nos apressarmos rumo ao Deus Uno e Único. Pois para o Bem não há outra margem; Ele não tem limites; não tem fim; e para

Si mesmo também não tem princípio, embora para nós pareça ter um — a Gnose.

Por isso para Ele a Gnose não é princípio; antes, é [a Gnose que nos dá] o primeiro princípio de ser Ele conhecido. Agarremo-nos, por conseguinte, ao princípio, e passemos depressa por tudo [o que temos de atravessar]. É muito difícil deixar as coisas a que nos acostumamos, que encontram o nosso olhar por todos os lados, e voltar-nos para o Antigo, Antigo [Caminho].

As aparências nos deleitam, ao passo que as coisas que não aparecem tornam difícil crer nelas. Ora, os males são as coisas mais aparentes, enquanto o Bem jamais pode mostrar-se aos olhos, pois não tem forma nem figura. Por isso o Bem é semelhante só a Si mesmo e dessemelhante de todas as outras coisas; pois é impossível que Aquilo que não tem corpo se torne aparente a um corpo.

A superioridade do "Semelhante" sobre o "Dessemelhante" e a inferioridade do "Dessemelhante" diante do "Semelhante" consiste nisto: a Unidade, sendo Fonte e Raiz de tudo, está em todas as coisas como Raiz e Fonte. Sem [esta] Fonte nada existe; ao passo que a Fonte [mesma] não provém de nada senão de si mesma, já que é Fonte de todo o resto.

Ela é a sua própria Fonte, pois não pode ter outra Fonte. A Unidade, então, sendo Fonte, contém todo número, mas não é contida por nenhum; gera todo número, mas não é gerada por nenhum outro.

Ora, tudo o que é gerado é imperfeito, é divisível, sujeito a crescer e a diminuir; mas no Perfeito [Uno] nada disto se dá. Ora, aquilo que pode crescer

cresce a partir da Unidade, mas sucumbe pela sua própria fraqueza quando já não pode conter o Uno.

E agora, ó Tat, a Imagem de Deus foi esboçada para ti, tanto quanto é possível; e se a meditares atentamente e a observares com os olhos do teu coração, crê-me, filho, encontrarás o Caminho que leva ao alto; mais ainda, essa Imagem se tornará ela mesma o teu Guia, porque a Visão [Divina] tem este [encanto] particular: prende firmemente e atrai a si os que conseguem abrir os olhos, assim como, dizem, o ímã [atrai] o ferro.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. EMBORA NÃO MANIFESTO, DEUS É O MAIS MANIFESTO

✦

Também este sermão (logos), ó Tat, te contarei, para que deixes de estar privado dos mistérios do Deus que está além de todo nome. E repara bem como aquilo que à maioria parece não manifesto se tornará para ti o mais manifesto. Ora, se fosse manifesto, não seria. Pois tudo o que se torna manifesto está sujeito ao vir-a-ser, pois foi tornado manifesto.

Mas o Não Manifesto é para sempre, pois não deseja tornar-se manifesto. Ele é sempre, e torna manifestas todas as outras coisas. Sendo Ele mesmo não manifesto, como quem sempre é e sempre torna manifesto, Ele mesmo não é tornado manifesto. Deus não é feito; pelo pensar-manifesto, isto é, pelo pensar até a manifestação, Ele pensa manifestas todas as coisas.

Ora, o "pensar-manifesto" diz respeito apenas às coisas feitas, pois o pensar-manifesto não é outra coisa senão fazer.

Ele, então, o único que não é feito, está, é claro, além de todo poder do pensar-manifesto, e é não manifesto. E como Ele pensa manifestas todas as coisas, manifesta-se através de todas as coisas e em todas, e sobretudo naquelas em que quer manifestar-se.

Tu, então, Tat, meu filho, roga primeiro ao nosso Senhor e Pai, o Uno-e-Único, de quem procede o Uno, que te mostre a sua misericórdia, para que tenhas o poder de captar um pensamento deste Deus tão poderoso, um só

raio d'Ele que brilhe no teu pensar. Pois só o pensamento "vê" o Não Manifesto, porquanto ele mesmo é não manifesto.

Se, pois, tens o poder, Ele, Tat, se manifestará aos olhos da tua mente. O Senhor não se nega a coisa alguma, mas manifesta-se através do mundo inteiro. Tens o poder de tomar o pensamento, de vê-lo e de agarrá-lo com as tuas próprias "mãos", e de contemplar face a face a Imagem de Deus.

Mas se mesmo o que está dentro de ti é para ti não manifesto, como, então, Ele mesmo, que está dentro de ti, se tornará manifesto para ti por meio dos olhos [exteriores]?

Mas se queres "vê-lo", pensa no sol, pensa no curso da lua, pensa na ordem das estrelas. Quem é o Uno que vela sobre essa ordem? Pois toda ordem tem os seus limites marcados pelo lugar e pelo número. O sol é o maior deus dos deuses do céu, a quem todos os deuses celestes cedem o lugar como a um rei e senhor.

E ele, tão grande, maior que a terra e o mar, aceita ter acima de si, girando, estrelas menores do que ele. Por respeito a Quem, ou por temor de Quem, meu filho, [faz ele isso]? Nem semelhante nem igual é o curso que cada uma destas estrelas descreve no céu. Quem [então] é Aquele que marca o modo do seu curso e a sua extensão?

A Ursa lá no alto, que gira em torno de si mesma e leva consigo em volta o cosmos inteiro — quem é o dono deste instrumento? Quem é Aquele que pôs ao redor do mar os seus limites? Quem é Aquele que assentou a terra no seu lugar? Pois, Tat, há alguém que é o Fazedor e o Senhor de todas estas coisas.

Não poderia ser que número, lugar e medida se conservassem sem alguém que os fizesse. Nenhuma ordem poderia ser feita por aquilo que não tem lugar nem medida; não, nem mesmo isso está sem senhor, meu filho. Pois, se o desordenado carece de algo, por não ser senhor do caminho da ordem, também ele está sob um senhor — aquele que ainda não lhe determinou a ordem.

Oxalá te fosse possível obter asas, e voar pelo ar e, suspenso a meio caminho entre a terra e o céu, contemplar a solidez da terra, a fluidez do mar (o correr das suas águas), a amplidão do ar, a rapidez do fogo, [e] o curso dos astros, a rapidez do circuito do céu ao redor [de todos eles]! Visão bem-aventurada seria, meu filho, ver todas estas coisas sob um só governo — o imóvel em movimento, e o não manifesto tornado manifesto; pelo qual se faz esta ordem do cosmos e o cosmos de ordem que vemos.

Se queres vê-Lo também através das coisas que sofrem a morte, tanto na terra como no abismo, pensa, meu filho, em como o homem é formado no ventre, e examina com rigor a arte d'Aquele que o forma, e aprende quem forma esta bela e divina imagem do Homem. Quem [então] é Aquele que traça os círculos dos olhos? Quem é Aquele que perfura as narinas e os ouvidos?

Quem é Aquele que abre [o portal da] boca? Quem é Aquele que estende e ata os nervos? Quem é Aquele que abre os canais das veias? Quem é Aquele que endurece os ossos? Quem é Aquele que cobre a carne com a pele? Quem é Aquele que separa os dedos e as articulações? Quem é Aquele que alarga a planta para os pés? Quem é Aquele que escava os dutos? Quem é Aquele que estende o baço?

Quem é Aquele que dá ao coração a forma de uma pirâmide? Quem é Aquele que junta as costelas? Quem é Aquele que alarga o fígado? Quem é Aquele que faz os pulmões semelhantes a uma esponja? Quem é Aquele que faz o ventre distender-se tanto? Quem é Aquele que torna proeminentes as partes mais honrosas, para que sejam vistas, enquanto esconde da vista as de menor honra?

Vê quantas artes [empregadas] numa só matéria, quantos trabalhos num só esboço; e todos sumamente belos, e todos em medida perfeita, e porém todos diversos! Quem os fez a todos? Que mãe, ou que pai, senão Deus somente, o não manifesto, que fez todas as coisas por sua Vontade?

E ninguém diz que uma estátua ou uma pintura vem a existir sem um escultor ou [sem] um pintor; existiria [então] uma obra como esta sem um Obreiro? Que profundidade de cegueira, que profunda impiedade, que profundidade de ignorância! Vê, [pois,] filho Tat, que jamais prives as obras do seu Obreiro! Antes, Ele é maior que todos os nomes, tão grande é Ele, o Pai de todas elas. Pois em verdade Ele é o Único, e esta é a sua obra: ser pai.

Assim, se me obrigas a falar com alguma ousadia, o seu ser consiste em conceber todas as coisas e em fazê-[las]. E assim como sem o seu fazedor é impossível que alguma coisa exista, assim também Ele não é sempre, a não ser que sempre faça todas as coisas, no céu, no ar, na terra, no abismo, em todo o cosmos, em cada parte de tudo, do que é e do que não é.

Pois não há nada em todo o mundo que não seja Ele. Ele é Ele mesmo, tanto as coisas que são como as coisas que não são. As coisas que são, Ele as tornou manifestas; as coisas que não são, guarda-as em Si mesmo.

Ele é o Deus além de todo nome; Ele, o não manifesto; Ele, o mais manifesto; Ele, a quem só a mente pode contemplar; Ele, visível [também] aos olhos; Ele é o de nenhum corpo, o de muitos corpos, ou melhor, Ele é de todo corpo. Nada há que Ele não seja. Pois todas as coisas são Ele, e Ele é todas as coisas. E por isso tem todos os nomes, porquanto são de um só Pai.

E por isso Ele mesmo não tem nome, porquanto é Pai de todas [elas]. Quem, então, poderá cantar-Te o louvor de Ti, ou [o louvor] a Ti? Para onde, além disso, hei de voltar os meus olhos para cantar o Teu louvor: para cima, para baixo, para dentro, para fora? Não há caminho, não há lugar ao Teu redor, nem qualquer outra das coisas que são.

Todas [estão] em Ti; todas [vêm] de Ti, ó Tu que dás tudo e nada recebes, pois tudo tens e nada há que não tenhas.

E quando, ó Pai, Te cantarei hinos? Pois ninguém pode apreender a Tua hora ou o Teu tempo. E pelo que, ademais, cantarei o hino? Pelas coisas que fizeste, ou pelas que não fizeste? Pelas coisas que tornaste manifestas, ou pelas que ocultaste? Como, ainda, Te cantarei? Como sendo de mim mesmo? Como tendo algo de meu? Como sendo outro?

Pois Tu és tudo o que eu possa ser; Tu és tudo o que eu possa fazer; Tu és tudo o que eu possa dizer. Pois Tu és tudo, e nada mais há que Tu não sejas. Tu és tudo aquilo que existe, e és o que não existe — Mente quando pensas, Pai quando fazes, Deus quando energizas, e Bem e Fazedor de todas as coisas. Pois a parte mais sutil da matéria é o ar; do ar, a alma; da alma, a mente; e da mente, Deus.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. SÓ EM DEUS ESTÁ O BEM, E EM NENHUMA OUTRA PARTE

✦

O Bem, ó Asclépio, não está em nenhum outro senão só em Deus; ou melhor, o Bem é o próprio Deus eternamente. Se assim é, [o Bem] deve ser essência, livre de toda espécie de movimento e de vir-a-ser (embora nada esteja livre d'Ele), possuidor de uma energia estável em torno de Si, nunca de menos nem de mais, uma provisão sempre cheia. [Embora] uno, [é] fonte de tudo; pois o que provê a tudo é o Bem.

Quando digo, além disso, que [provê] inteiramente [a tudo], é para sempre Bom. Mas isto não pertence a nenhum outro senão só a Deus. Pois Ele não tem necessidade de coisa alguma, de modo que, desejando-a, viesse a ser mau; nem pode perder coisa alguma das coisas que são, cuja perda O fizesse sofrer; pois a dor é parte do mal.

Nem há algo superior a Ele, que O pudesse subjugar; nem algum igual a Ele que Lhe fizesse injustiça, ou [de modo] que Ele se apaixonasse por sua causa; nem algo que não Lhe dê ouvidos, contra o que Ele se irritasse; nem algo mais sábio, que Ele invejasse.

Ora, como todas estas coisas não existem no seu ser, que resta senão o Bem somente? Pois, assim como nada de mal se encontra em tal Ser transcendente, assim também em nenhum dos outros se encontrará o Bem.

Pois neles estão todas as outras coisas, isto é, as que não são o Bem, tanto no pequeno como no grande, tanto em cada um separadamente como neste

ser vivo que é maior que todos eles e o mais poderoso [deles], isto é, o cosmos. Pois as coisas sujeitas ao nascimento abundam em paixões, sendo o próprio nascimento passível.

Mas onde há paixão, em parte alguma há o Bem; e onde está o Bem, em parte alguma há uma só paixão. Pois onde é dia, em parte alguma é noite; e onde é noite, o dia não está em parte alguma. Por isso, no vir-a-ser, o Bem jamais pode estar, mas só no ingênito. Mas, uma vez que a participação em todas as coisas foi concedida à matéria, assim também ela participa do Bem.

Deste modo o Cosmos é Bom: na medida em que faz todas as coisas, quanto ao fazer é Bom, mas em todas as outras coisas não é Bom. Pois é passível e sujeito ao movimento, e fazedor de coisas passíveis.

Ao passo que no homem o bem se determina por mais ou menos de mal. Pois o que não é demasiado mau aqui embaixo é bom, e o bem aqui embaixo é a menor parte do mal. Não pode ser, portanto, que o bem aqui embaixo esteja inteiramente limpo do mal, pois aqui embaixo o bem está manchado pelo mal; e, estando manchado, já não permanece bom, e, não permanecendo, transforma-se em mal.

Só em Deus, por conseguinte, está o Bem, ou melhor, o Bem é o próprio Deus. Assim, Asclépio, só o nome do Bem se encontra nos homens; a coisa mesma, em parte alguma [neles], pois isso jamais pode ser. Pois nenhum corpo material O contém — coisa cercada por todos os lados pelo mal, por trabalhos, dores, desejos e paixões, pelo erro e por pensamentos insensatos.

E o maior mal de todos, Asclépio, é que cada uma destas coisas acima ditas é tida aqui embaixo como o maior bem. E o que é um mal ainda maior é a gula, o erro que conduz o bando de todos os outros males — a coisa que nos faz desviar aqui embaixo do Bem.

E eu, de minha parte, dou graças a Deus por ter posto em minha mente, acerca da Gnose do Bem, que jamais pode ser que Ele esteja no mundo. Pois o mundo é a "plenitude" do mal, mas Deus é a plenitude do Bem, e o Bem, de Deus.

As excelências do Belo estão em torno da própria essência [do Bem]; mais ainda, parecem puras demais, sem mistura demais; talvez sejam elas mesmas as Suas essências. Pois pode-se ousar dizer, Asclépio — se, em verdade, Ele tem essência —, que a essência de Deus é o Belo; e o Belo é, ademais, também o Bem. Não há Bem que se possa obter dos objetos do mundo.

Pois todas as coisas que caem sob os olhos são imagens e como que pinturas; enquanto as que não se oferecem [aos olhos são as realidades], especialmente a [essência] do Belo e do Bem. Assim como o olho não pode ver Deus, assim também não pode contemplar o Belo e o Bem.

Pois são partes integrantes de Deus, unidas só a Ele, companheiros inseparáveis, os mais amados, pelos quais o próprio Deus está apaixonado, ou eles por Deus.

Se podes conceber Deus, conceberás o Belo e o Bem, que transcendem a Luz, tornados mais luminosos que a Luz por Deus. Aquela Beleza está além de toda comparação, inimitável aquele Bem, assim como o próprio Deus. Assim, pois, como concebes Deus, concebe o Belo e o Bem. Pois não

podem unir-se a nenhuma das outras coisas que vivem, já que jamais podem ser separados de Deus. Se buscas a Deus, buscas o Belo. Um só é o Caminho que conduz a Ele: a Devoção unida à Gnose.

E assim é que os que não conhecem e não trilham o Caminho da Devoção ousam chamar o homem belo e bom, embora ele jamais, nem mesmo em suas visões, tenha visto um pouco do que é Bom, mas esteja envolvido por toda espécie de mal, e pense que o mal é bom, e assim faça dele uso incessante, e até tema que lhe seja tirado, esforçando-se ao máximo não só para conservá-lo, mas até para aumentá-lo. Tais são as coisas que os homens chamam boas e belas, Asclépio — coisas que não podemos evitar nem odiar; pois o mais difícil de tudo é que delas precisamos e sem elas não podemos viver.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VII. O MAIOR MAL ENTRE OS HOMENS É A IGNORÂNCIA DE DEUS

✦

Para onde tropeçais, ébrios, que bebestes o vinho da ignorância e não podeis suportá-lo a tal ponto que já até o vomitais? Parai, sede sóbrios, olhai para o alto com os [verdadeiros] olhos do coração! E se não podeis todos, ao menos vós que podeis! Pois o mal da ignorância derrama-se sobre toda a terra e submerge a alma encerrada dentro do corpo, impedindo-a de alcançar o porto nos ancoradouros da Salvação.

Não vos deixeis, pois, arrastar pela torrente feroz, mas, usando a corrente da margem (literalmente: "contracorrente" ou "corrente que sobe"), vós que podeis, dirigi-vos ao porto da Salvação e, ancorando ali, buscai alguém que vos tome pela mão e vos conduza às portas da Gnose.

Ali brilha a Luz clara, pura de toda treva; ali nenhuma alma está ébria, mas todos, sóbrios, contemplam com os olhos do coração Aquele que quer ser visto. Nenhum ouvido pode ouvi-Lo, nem olho vê-Lo, nem língua falar d'Ele, mas [apenas] a mente e o coração.

Mas primeiro deves arrancar de ti o manto que vestes — a teia da ignorância, o fundamento do mal, a cadeia da corrupção, a carapaça da treva, a morte viva, o cadáver sensível, o túmulo que levas contigo, o ladrão em tua casa, que pelas coisas que ama te odeia e pelas coisas que odeia te quer mal.

Tal é o manto odioso que vestes — que te estrangula [e te mantém] preso a ele, para que não olhes para o alto e, tendo visto a Beleza da Verdade e o

Bem que nela habita, não detestes o mal que há nele, tendo descoberto a trama que ele urdiu contra ti, ao tornar privadas de sentido aquelas coisas aparentes que os homens julgam ser sentidos. Pois ele os entupiu com a massa da matéria e os encheu de luxúria repugnante, para que não ouças as coisas que deverias ouvir, nem vejas as coisas que deverias ver.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIII. QUE NENHUMA DAS COISAS EXISTENTES PERECE, MAS OS HOMENS POR ERRO CHAMAM AS SUAS MUDANÇAS DE DESTRUIÇÕES E DE MORTES

✦

[Hermes:] Acerca da Alma e do Corpo, filho, devemos agora falar: de que modo a Alma é imortal e de onde vem a atividade de compor e de dissolver o Corpo. Pois não há morte para nenhuma das coisas [que são]; o pensamento que esta palavra transmite ou é vazio de realidade ou, [simplesmente] pela supressão de uma sílaba, aquilo que se chama "morte" está por "imortal".

Pois a morte é destruição, e nada no Cosmos é destruído. Pois se o Cosmos é o segundo Deus, uma vida (ou ser vivo) que não pode morrer, não pode ser que alguma parte desta vida imortal morra. Todas as coisas do Cosmos são partes do Cosmos, e sobretudo o homem, o animal racional.

Pois, em verdade, primeiro de todos, eterno e transcendendo o nascimento, é Deus, o Fazedor de todas as coisas. O segundo é aquele "à sua imagem", o Cosmos, trazido ao ser por Ele, sustentado e nutrido por Ele, tornado imortal, como por seu próprio Pai, vivendo para sempre, como sempre livre da morte.

Ora, aquilo que vive para sempre difere do Eterno; pois Ele não foi trazido ao ser por outro, e, ainda que tivesse sido trazido ao ser, não o foi por Si

mesmo, mas está sempre sendo trazido ao ser. Pois o Eterno, porquanto é eterno, é o todo. O Pai é Ele mesmo eterno por Si mesmo, mas o Cosmos tornou-se eterno e imortal pelo Pai.

E da matéria guardada sob ele (isto é, sob o cosmos) o Pai fez um corpo universal e, comprimindo-a, tornou-a esférica, envolvendo com ela a vida — [uma esfera] que é imortal em si mesma e que torna eterna a materialidade.

Mas Ele, o Pai, repleto das suas ideias, semeou as vidas (ou seres vivos) na esfera e encerrou-as como numa caverna, querendo ordenar a vida com toda espécie de viventes. Assim, com a imortalidade envolveu o corpo universal, para que a matéria não quisesse separar-se da composição do corpo e assim dissolver-se na sua própria desordem [original].

Pois a matéria, filho, quando ainda era incorpórea (isto é, ainda não formada em corpos), estava em desordem. E ainda conserva aqui embaixo esta [natureza da desordem], envolvendo o resto das pequenas vidas (ou seres vivos) — aquele crescer-e-diminuir que os homens chamam morte.

É em torno das vidas terrestres que existe esta desordem. Pois os corpos dos seres celestes conservam uma ordem que lhes foi atribuída pelo Pai como regra; e é pela restauração de cada um [deles] que esta ordem se conserva indissolúvel. A "restauração" dos corpos na terra é, assim, a sua composição, ao passo que a sua dissolução os restitui àqueles corpos que jamais podem ser dissolvidos, isto é, que não conhecem a morte. Produz-se, assim, uma privação dos sentidos, não uma perda dos corpos.

Ora, a terceira vida — o Homem, feito à imagem do Cosmos, [e] possuindo mente, segundo a vontade do Pai, acima de todas as vidas terrestres

— não só tem afinidade de sentimento com o segundo Deus (isto é, o Cosmos), como também tem concepção do primeiro; pois do primeiro é sensível como de um corpo, enquanto o outro ele concebe como incorpóreo e a Mente Boa.

Tat: Então esta vida não perece? Hermes: Silêncio, filho! E compreende o que é Deus, o que [é] o Cosmos, o que é uma vida que não pode morrer e o que é uma vida sujeita à dissolução. Sim, compreende que o Cosmos é por Deus e em Deus; mas o Homem, pelo Cosmos e no Cosmos. A fonte, o limite e a constituição de todas as coisas é Deus.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IX. SOBRE O PENSAMENTO E O SENTIDO

✦

Dei ontem o Sermão (Logos) Perfeito, Asclépio; hoje julgo justo, como continuação dele, percorrer ponto por ponto o Sermão sobre o Sentido. Ora, sentido e pensamento parecem diferir, porquanto o primeiro tem que ver com a matéria, e o segundo com a substância. Mas a mim ambos parecem ser um só e não diferir — nos homens, quero dizer.

Nas outras vidas ou seres vivos, o sentido é um com a Natureza; mas nos homens, o pensamento. Ora, a mente difere do pensamento tanto quanto Deus difere da divindade. Pois a divindade vem a ser por Deus, e o pensamento pela mente, o pensamento irmão da palavra (logos), e ambos instrumentos um do outro.

Pois nem a palavra (logos) encontra expressão sem o pensamento, nem o pensamento se manifesta sem a palavra.

Assim, sentido e pensamento fluem juntos no homem, como se estivessem entrelaçados um com o outro. Pois nem sem sentir se pode pensar, nem sem pensar sentir. Mas é possível [dizem] pensar uma coisa à parte do sentido, como os que imaginam visões em sonhos.

Mas a mim parece que ambas estas atividades ocorrem na visão do sonho, e que o sentido passa do estado de sono ao de vigília. Pois o homem está dividido em alma e corpo, e só quando os dois lados do seu sentido concordam entre si se dá a expressão do pensamento concebido pela mente.

Pois é a mente que concebe todos os pensamentos — bons pensamentos quando recebe as sementes de Deus, os seus contrários quando [as recebe] dos daimônicos; não havendo parte do Cosmos livre de daimon, que furtivamente se insinua no daimon iluminado pela luz de Deus, isto é, na alma humana, e semeia nele a semente da sua própria energia. E a mente concebe a semente assim semeada: adultério, assassínio, parricídio, [e] sacrilégio, impiedade, [e] estrangulamentos, lançar pessoas de precipícios, e todos os outros feitos semelhantes, que são obra dos daimones maus.

As sementes de Deus, é verdade, são poucas, mas vastas e belas e boas — a virtude, o domínio de si, a devoção. A devoção é a gnose de Deus; e quem conhece a Deus, estando repleto de todas as coisas boas, pensa pensamentos divinos, e não pensamentos como os da maioria. Por isso os que são gnósticos não agradam à maioria, nem a maioria a eles.

São tidos por loucos e escarnecidos; são odiados e desprezados, e às vezes até mortos. Pois dissemos que o mal deve necessariamente habitar na terra, onde está no seu próprio lugar. O seu lugar é a terra, e não o Cosmos, como alguns às vezes dizem com língua ímpia. Mas aquele que é devoto de Deus suportará tudo, uma vez que tenha sentido a Gnose.

Pois para tal homem todas as coisas, ainda que para outros sejam más, são para ele boas; deliberadamente ele as refere todas à Gnose. E, coisa maravilhosíssima, só ele torna boas as coisas más.

Mas volto mais uma vez ao Discurso (Logos) sobre o Sentido. Que o sentido participe do pensamento no homem é o que o constitui homem. Mas não é [todo] homem, como eu disse, que se beneficia do pensamento; pois este homem é material, aquele outro, substancial.

Pois o homem material, como eu disse, [associado] ao mal, recebe a sua semente de pensamento dos daimones; enquanto os homens substanciais, [associados] ao Bem, são salvos por Deus. Ora, Deus é o Fazedor de todas as coisas e, ao fazê-las, torna-as todas [por fim] semelhantes a Si; mas elas, enquanto se tornam boas pelo exercício da sua atividade, são coisas improdutivas.

É a operação do Curso Cósmico que faz os seus vir-a-ser serem o que são, manchando alguns deles com o mal e purificando outros com o bem. Pois o Cosmos também, Asclépio, possui um sentido-e-pensamento próprio, não como o do homem; não tão múltiplo, mas, por assim dizer, melhor e mais simples.

O único sentido-e-pensamento do Cosmos é fazer todas as coisas e refazê-las de novo em si mesmo, como Órgão da Vontade de Deus, organizado de tal modo que, recebendo em si todas as sementes de Deus e guardando-as dentro de si, possa tornar tudo manifesto e [depois], dissolvendo-as, fazê-las todas novas outra vez; e assim, como um Bom Jardineiro da Vida, toma para si as coisas que foram dissolvidas e lhes dá de novo renovação. Não há coisa a que ele não dê vida; mas, tomando tudo para si, faz tudo viver, e é ao mesmo tempo o Lugar da Vida e o seu Criador.

Ora, os corpos [feitos] de matéria são diversos. Uns são de terra, outros de água, outros de ar e outros de fogo. Mas todos são compostos; uns são mais [compostos], outros mais simples. Os mais pesados são mais [compostos], os mais leves, menos. É a rapidez do Curso do Cosmos que produz a multiplicidade das espécies de nascimentos. Pois, sendo um Sopro rapidíssimo,

confere aos corpos as suas qualidades juntamente com o Pleroma Único — o da Vida.

Deus, então, é Pai do Cosmos; o Cosmos, de tudo o que está no Cosmos. E o Cosmos é Filho de Deus; mas as coisas do Cosmos existem pelo Cosmos. E com propriedade foi chamado Cosmos [Ordem]; pois ordena todas as coisas com a sua diversidade de nascimento, não deixando coisa alguma sem vida, com a incansabilidade da sua atividade, a rapidez da sua necessidade, a composição dos seus elementos e a ordem das suas criaturas.

O mesmo, então, por necessidade e por propriedade, deveria ter o nome de Ordem. O sentido-e-pensamento, então, de todas as vidas vem a elas de fora, inspirado por aquilo que [as] contém [todas]; ao passo que o Cosmos os recebe de uma vez por todas juntamente com o seu vir-a-ser, e os guarda como dom de Deus.

Mas Deus não está, como alguns supõem, fora do alcance do sentido-e-pensamento. É por superstição que os homens falam assim impiamente. Pois todas as coisas que são, Asclépio, todas estão em Deus, são trazidas ao ser por Deus e d'Ele dependem — tanto as coisas que agem por meio dos corpos, como as que por meio da substância da alma fazem mover [outras coisas], como as que fazem viver as coisas por meio do espírito, como as que tomam para si as coisas desgastadas.

E com razão; ou melhor, eu diria que Ele não tem estas coisas; mas digo a verdade: Ele é Ele mesmo todas elas. Não as recebe de fora, mas as dá [de Si]. Este é o sentido-e-pensamento de Deus: mover sempre todas as coisas.

E jamais haverá tempo em que sequer uma parcela das coisas que são deixe de ser; e quando digo "uma parcela das coisas que são", quero dizer uma parcela de Deus. Pois as coisas que são, Deus as tem; nem há coisa alguma sem Ele, nem [está] Ele sem coisa alguma.

Estas coisas te deverão parecer verdadeiras, Asclépio, se as compreenderes; mas, se não as compreenderes, coisas em que não se pode crer. Compreender é crer; não crer é não compreender. A minha palavra (logos) vai à [tua] frente até a verdade. Mas poderosa é a mente, e, depois de ter sido conduzida pela palavra até certo ponto, tem o poder de chegar antes [de ti] à verdade.

E, tendo refletido sobre todas estas coisas e as tendo achado concordes com as que já foram interpretadas pela razão, ela [já agora] creu e encontrou repouso naquela Bela Fé. Para os que, então, por [bom auxílio de] Deus compreendem as coisas que [por nós] foram ditas acima, elas são dignas de crédito; mas para os que não as compreendem, incríveis. Baste, pois, isto sobre o pensamento-e-sentido.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

X. A CHAVE

✦

Hermes: O meu discurso (logos) de ontem dediquei-o a ti, Asclépio, e por isso é [só] justo que dedique o de hoje a Tat; e tanto mais porque é o resumo dos Sermões (Logos) Gerais que lhe foram dirigidos.

"Deus, Pai e o Bem", então, Tat, têm a mesma natureza, ou, mais exatamente, energia. Pois a natureza é um predicado do crescimento e se diz das coisas que mudam, tanto móveis como imóveis, isto é, tanto humanas como divinas, cada uma das quais Ele quer que exista.

Mas a energia consiste em outra coisa, como mostramos ao tratar do resto, tanto das coisas divinas como das humanas; coisa que devemos ter em mente ao tratar do Bem.

A energia de Deus é, então, a sua Vontade; além disso, a sua essência é querer o ser de todas as coisas. Pois que é "Deus e Pai e o Bem" senão o "ser" de todas as coisas que ainda não são? Mais ainda: a própria subsistência de tudo o que é; isto, então, é Deus, isto é o Pai, isto é o Bem; a Ele nada se acrescenta de todo o resto.

E embora o Cosmos, isto é, o Sol, seja também ele mesmo pai dos que dele participam, nem por isso é a causa do bem para os seres vivos; não é sequer a causa do seu viver. De modo que, mesmo que seja pai, o é completamente por força da Boa Vontade do Bem, sem a qual nem o ser nem o vir-a-ser jamais poderiam existir.

Além disso, o progenitor é a causa dos filhos, tanto do lado do pai como do da mãe, só por participar do desejo do Bem [que se derrama] através do Sol. É o Bem que faz a criação. E tal poder não pode ser possuído por nenhum outro senão por Ele somente, que nada recebe, mas quer que todas as coisas sejam; não direi, Tat, "faz".

Pois o fazedor é deficiente durante longos períodos (nos quais às vezes faz e às vezes não faz), tanto na qualidade como na quantidade [do que faz]; porquanto às vezes as faz em tal número e de tal espécie, e às vezes ao contrário. Mas "Deus e Pai e o Bem" é [causa] de que todas as coisas sejam. Assim são, ao menos, estas coisas para os que podem ver.

Pois Ele quer ser, e é ao mesmo tempo Ele mesmo e sobretudo por causa de Si mesmo. Na verdade, todas as outras coisas existem só por causa d'Ele; pois o traço distintivo do Bem é "que seja conhecido". Tal é o Bem, ó Tat.

Tat: Tu nos encheste, ó pai, tão plenamente desta visão tão boa e tão bela, que por ela o olho da minha mente se tornou agora para mim quase coisa digna de adoração.

Pois a visão do Bem não fulgura como fogo sobre os olhos, como o raio do sol, fazendo-os fechar; antes, ao contrário, brilha e faz crescer a visão do olho, tanto quanto um homem tem capacidade de receber o influxo do esplendor que só a mente pode ver. Não só desce a nós mais depressa, como não nos faz mal algum, e está repleta de toda a vida imortal.

Os que podem beber desta Visão um pouco mais que os outros muitas vezes adormecem fora do corpo neste Espetáculo belíssimo, como foi o caso

de Urano e Cronos, nossos antepassados. Que esta seja também a nossa sorte, ó meu pai! Hermes: Sim, que seja, meu filho!

Mas, tal como estamos, ainda não estamos afinados para a Visão, e ainda não temos o poder de abrir o olho da nossa mente e contemplar a Beleza do Bem — Beleza que nada pode jamais corromper nem ninguém compreender. Pois só então O contemplarás, quando não puderes dizer palavra alguma a respeito d'Ele. Pois a Gnose do Bem é silêncio santo e um dar descanso a todos os sentidos.

Pois aquele que O percebe não pode perceber outra coisa; nem quem O contempla, contemplar outra coisa; nem ouvir outra coisa, nem mover o corpo de modo algum. Detendo todos os sentidos e todos os movimentos do corpo, fica imóvel. E então, brilhando em torno de toda a sua mente, Ele brilha através de toda a sua alma e a tira do corpo, transformando-o todo em essência. Pois é possível, meu filho, que a alma de um homem se torne semelhante a Deus, mesmo enquanto ainda está num corpo, se contemplar a Beleza do Bem.

Tat: Tornar-se semelhante a Deus? Que queres dizer, pai? Hermes: De cada alma separada há transformações, filho. Tat: Que queres dizer? Separada? Hermes: Não ouviste, nos Sermões Gerais, que de uma só Alma — a Alma do Todo — vêm todas estas almas que são feitas girar por todo o cosmos, como se dela tivessem sido divididas?

Destas almas, então, é que há muitas mudanças, umas para uma sorte mais feliz e outras para o [exato] contrário. Assim, as que eram répteis transformam-se em seres que habitam a água; as almas dos seres aquáticos mudam-se em habitantes da terra; as que vivem na terra mudam-se em seres alados;

e as almas que vivem no ar mudam-se em homens, enquanto as almas humanas alcançam o primeiro degrau da imortalidade, transformadas em daimones.

E assim giram até o coro dos Deuses Não Errantes; pois dos Deuses há dois coros, um Não Errante e o outro Errante. E esta é a glória mais perfeita da alma.

Mas se uma alma, ao entrar no corpo de um homem, persiste no seu vício, não prova a imortalidade nem participa do Bem; mas, voltando apressadamente para trás, toma o caminho que leva aos répteis. Esta é a sentença da alma viciosa. E o vício da alma é a ignorância.

Pois a alma que não tem conhecimento das coisas que são, nem da sua natureza, nem do Bem, fica cega pelas paixões do corpo e é sacudida de um lado para outro. Esta alma miserável, não sabendo o que é, torna-se escrava de corpos de forma estranha, em triste estado, carregando o corpo como um fardo; não como quem governa, mas como quem é governado. Esta [ignorância] é o vício da alma.

Mas, por outro lado, a virtude da alma é a Gnose. Pois aquele que conhece é bom e piedoso, e, ainda na terra, divino. Tat: Mas quem é tal homem, ó meu pai? Hermes: Aquele que não fala muito nem dá ouvidos a muito. Pois quem gasta o tempo em discutir e em ouvir discussões luta com sombras. Pois "Deus, o Pai e o Bem" não se alcança pela fala nem pelo ouvido.

E, no entanto, embora assim seja, há sentidos em todos os seres, porquanto não podem existir sem sentidos. Mas a Gnose é muito diferente do sentido. Pois o sentido é produzido por aquilo que tem domínio sobre nós, en-

quanto a Gnose é o fim, isto é, a meta, da ciência, e a ciência é dom de Deus.

⁂

Toda ciência é incorpórea, sendo a mente o instrumento que usa, assim como a mente usa o corpo. Ambas, então, entram nos corpos, [quero dizer] tanto as coisas cognoscíveis só pela mente como as coisas materiais. Pois todas as coisas devem consistir de antítese e contrariedade; e isto não pode ser de outro modo. Tat: Quem é, então, este Deus material de que falas?

Hermes: O Cosmos é belo, mas não é bom — pois é material e livremente passível; e, embora seja o primeiro de todas as coisas passíveis, está, porém, na segunda ordem do ser e é carente em si mesmo.

E, embora ele mesmo jamais tenha o seu nascimento no tempo, mas seja sempre, o seu ser está no vir-a-ser, tornando-se para sempre a gênese das qualidades e das quantidades; pois é móvel e gênese de todo movimento material.

É o repouso inteligível que move deste modo o movimento material, já que o Cosmos é uma esfera — isto é, uma cabeça. E nada da cabeça, em cima, é material, assim como nada dos pés, embaixo, é inteligível, mas tudo material. E a própria cabeça move-se de modo esférico — isto é, como uma cabeça deve mover-se, é mente.

Todas as coisas, então, que estão unidas ao "tecido" desta "cabeça" (no qual está a alma) são por natureza livres da morte — assim como, quando o corpo foi feito na alma, são coisas que têm mais alma que corpo.

Ao passo que aquelas coisas que estão a maior distância deste "tecido" de lá, onde estão as coisas que têm maior parte de corpo que de alma, são por natureza sujeitas à morte. O todo, porém, é uma vida; de modo que o universo consiste tanto do hílico como do inteligível.

Ademais, o Cosmos é o primeiro dos seres vivos, e o homem é o segundo depois dele, embora o primeiro das coisas sujeitas à morte. O homem tem em si a mesma potência animadora que todos os demais seres vivos; e, no entanto, não só não é bom, como é até mau, porquanto está sujeito à morte. Pois, embora o Cosmos também não seja bom, por sofrer movimento, não é mau, por não estar sujeito à morte. Mas o homem, por estar sujeito tanto ao movimento como à morte, é mau.

Ora, os princípios do homem são veiculados deste modo: a mente na razão (logos), a razão na alma, a alma no espírito ou, melhor, nos espíritos vitais, e o espírito no corpo. O espírito, penetrando [o corpo] por meio das veias, das artérias e do sangue, confere movimento ao ser vivo e, de certo modo, o sustenta.

Por isso alguns pensam que a alma é o sangue, porque se enganam sobre a sua natureza, não sabendo que [na morte] é o espírito que deve primeiro retirar-se para a alma, e então o sangue coagula e as veias e artérias se esvaziam, e depois o ser vivo, ou a vida, é retirado; e esta é a morte do corpo.

Ora, de uma só Fonte dependem todas as coisas, enquanto a Fonte [depende] do Uno e Único. A Fonte, além disso, é movida para tornar-se de novo Fonte, ao passo que o Uno permanece perpetuamente e não é movido. Três, então, são eles: "Deus, o Pai e o Bem", o Cosmos e o homem.

Deus contém o Cosmos; o Cosmos [contém] o homem. O Cosmos é para sempre o Filho de Deus; o homem é, por assim dizer, filho do Cosmos.

Não que, porém, Deus ignore o homem; antes, conhece-o muito bem e quer ser conhecido. Esta é a única salvação para o homem: a Gnose de Deus. Este é o Caminho que sobe à Montanha. Só por Ele a alma se torna boa, não às vezes boa e às vezes má, mas [boa] por necessidade. Tat: Que queres dizer, ó Três Vezes Grandíssimo?

Hermes: Olha a alma de uma criança, meu filho, que ainda não está separada, porque o seu corpo ainda é pequeno e não chegou ao seu pleno volume. Tat: Como? Hermes: Coisa inteiramente bela é [tal alma] de ver, ainda não manchada pelas paixões do corpo, ainda quase suspensa da Alma Cósmica!

Mas quando o corpo cresce em volume e arrasta a alma para a sua massa, então a alma se separa e traz sobre si o esquecimento, e já não participa do Belo e do Bem. E este esquecimento torna-se vício.

O mesmo se dá com os que saem do corpo. Pois quando a alma se retira para si mesma, o espírito se contrai dentro do sangue, e a alma dentro do espírito. E então a mente, despojada dos seus invólucros e divina por natureza, tomando para si um corpo de fogo, percorre todo o espaço, depois de abandonar a alma ao seu julgamento e a qualquer castigo que tenha merecido.

Tat: Que queres dizer com isto, pai? A mente separa-se da alma, e a alma do espírito? Ao passo que disseste que a alma era a veste da mente, e o espírito a da alma.

Hermes: O ouvinte, filho, deve pensar com quem fala e respirar com ele; mais ainda, deve ter um ouvido mais sutil que a voz de quem fala. É, filho, num corpo feito de terra que se dá esta disposição das vestes. Pois num corpo feito de terra é impossível que a mente se assente por si mesma, em sua nudez.

Pois nem é possível, por um lado, que o corpo terrestre contenha tanta imortalidade, nem, por outro, que uma virtude tão grande suporte um corpo passível em contato tão estreito com ela. Ela toma, então, a alma como uma espécie de invólucro. E a própria alma, sendo também coisa divina, usa o espírito como invólucro, enquanto o espírito penetra o ser vivo.

Quando, então, a mente se liberta do corpo terrestre, veste logo a sua veste própria de fogo, com a qual não poderia habitar num corpo terrestre. Pois a terra não suporta o fogo; pois se incendeia toda até por uma pequena centelha. E por isso a água está derramada em torno da terra, para ser guarda e muralha, para manter afastado o incêndio do fogo.

Mas a mente, a mais rápida de todas as emanações do pensamento divino, e mais rápida que todos os elementos, tem por corpo o fogo. Pois a mente, sendo construtora, usa o fogo como ferramenta para a construção de todas as coisas — a Mente de tudo [para a construção] de todas as coisas, mas a do homem só para as coisas da terra.

Despojada do seu fogo, a mente na terra não pode fazer coisas divinas, pois é humana na sua condição.

⁂

A alma no homem, porém — não toda alma, mas a que é piedosa —, é algo daimônico e divino. E tal alma, quando libertada do corpo, se combateu o combate da piedade — o combate da piedade é conhecer a Deus e não fazer mal a homem algum —, torna-se completamente mente.

Ao passo que a alma ímpia permanece na sua própria essência, castigada por si mesma, e buscando um corpo terrestre onde entrar, desde que seja humano. Pois nenhum outro corpo pode conter uma alma humana; nem é justo que alguma alma humana caia no corpo de um ser que não possui razão. Pois a lei de Deus é esta: guardar a alma humana de tão tremendo ultraje.

Tat: Como, pai, é castigada então a alma de um homem? Hermes: Que castigo maior pode haver, filho, para qualquer alma humana, do que a falta de piedade? Que fogo tem chama tão feroz quanto a falta de piedade? Que fera voraz despedaça tanto o corpo quanto a falta de piedade despedaça a própria alma? Não vês que multidões de males suporta a alma ímpia?

Ela grita e berra: Queimo; estou em chamas; não sei o que gritar nem o que fazer; ai de mim, miserável, sou devorada por todos os males que me cercam; ai, pobre de mim, não vejo nem ouço! Tais são os gritos arrancados a uma alma castigada; e não, como pensa a maioria e como tu, filho, supões, que a alma [de um homem], ao sair do corpo, se transforma num animal. Isso é um erro gravíssimo, pois o modo como uma alma sofre castigo é este:

Quando a mente se torna um daimon, a lei exige que tome um corpo de fogo para executar os serviços de Deus; e, entrando na alma mais ímpia, açoita-a com chicotes feitos dos seus pecados. E então a alma ímpia, açoitada pelos seus pecados, mergulha em assassínios, ultrajes, blasfêmias, vio-

lências de toda espécie e todas as outras coisas pelas quais a humanidade é lesada.

Mas sobre a alma piedosa a mente sobe e a guia para a Luz da Gnose. E tal alma jamais se cansa de cânticos de louvor [a Deus] e de derramar bênçãos sobre todos os homens, e de fazer o bem a todos por palavras e obras, à imitação do seu Pai.

Por isso, meu filho, deves louvar a Deus e rogar que a tua mente seja Mente Boa. É, então, para um estado melhor que a alma passa; para um pior não pode. Além disso, há um intercâmbio entre as almas: as dos deuses comunicam-se com as dos homens, e as dos homens com as almas das criaturas que não possuem razão.

Os superiores, ademais, têm a seu cargo os inferiores: os deuses cuidam dos homens, os homens dos animais irracionais, enquanto Deus tem a seu cargo todos; pois Ele é superior a todos, e todos são menores que Ele. O Cosmos está sujeito, então, a Deus; o homem, ao Cosmos; e os irracionais, ao homem. Mas Deus está acima de todos, e Deus os contém a todos.

Os raios de Deus, para usar uma imagem, são as suas energias; os do Cosmos são as naturezas; as artes e as ciências são os do homem. As energias agem através do Cosmos e daí, através dos raios-natureza do Cosmos, sobre o homem; os raios-natureza [agem] através dos elementos; o homem [age] através das ciências e das artes.

Esta é a disposição do universo, que depende da natureza do Uno e penetra [todas as coisas] por meio da Mente, da qual nada há mais divino nem de maior energia; e nada é meio maior para unir os homens aos deuses e os

deuses aos homens. Ela, [a Mente,] é o Bom Daimon. Bem-aventurada a alma que mais está repleta d'Ela, e miserável a alma vazia da Mente.

Tat: Pai, que queres dizer, de novo? Hermes: Pensas, então, filho, que toda alma tem a [Mente] Boa? Pois é d'Ela que falamos, não da mente a serviço da qual falávamos há pouco, a mente enviada para o castigo [da alma].

Pois a alma sem a mente "não pode falar nem agir". Pois muitas vezes a mente deixa a alma, e nesse tempo a alma nem vê nem compreende, mas é como uma coisa que não tem razão. Tal é o poder da mente. E, no entanto, ela não suporta uma alma preguiçosa, mas deixa tal alma presa ao corpo e por ele fortemente amarrada.

Tal alma, meu filho, não tem Mente; e por isso tal ser não deveria ser chamado homem. Pois o homem é um ser vivo, ou animal, divino; o homem não se mede com o resto das vidas das coisas da terra, mas com as vidas lá do alto, no céu, que são chamadas deuses.

Mais ainda, se devemos dizer ousadamente a verdade, o verdadeiro "homem" está até acima dos deuses, ou, pelo [menos], os deuses e os homens são em tudo iguais em poder uns aos outros.

Pois nenhum dos deuses do céu descerá à terra, ultrapassando o limite do céu; ao passo que o homem sobe ao céu e o mede; sabe que coisas dele são altas e que coisas são baixas, e aprende com precisão todas as outras coisas além dessas. E, coisa maior que todas: sem sequer deixar a terra, ele sobe às alturas. Tão vasto é o alcance do seu êxtase.

Por isso um homem pode ousar dizer que o homem na terra é um deus sujeito à morte, enquanto o deus no céu é um homem imune à morte. Por

isso a disposição de todas as coisas se realiza por meio destes dois — o Cosmos e o Homem —, mas pelo Uno.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XI. A MENTE A HERMES

✦

Mente: Domina, então, este sermão (logos), Hermes Três Vezes Grandíssimo, e guarda na memória as palavras ditas; e, como Me foi dado falar, não tardarei mais. Hermes: Como muitos homens dizem muitas coisas, e diversas, sobre o Todo e o Bem, não aprendi a verdade. Torna-a, pois, clara para mim, ó meu Mestre! Pois só posso confiar na explicação destas coisas que vem de Ti.

Mente: Ouve [então], meu filho, como estão Deus e o Todo. Deus; Éon; Cosmos; Tempo; Vir-a-ser. Deus faz o Éon; o Éon, o Cosmos; o Cosmos, o Tempo; e o Tempo, o Vir-a-ser, ou Gênese.

O Bem — o Belo, a Sabedoria, a Bem-aventurança — é, por assim dizer, a essência de Deus; do Éon, a essência é a Identidade; do Cosmos, a Ordem; do Tempo, a Mudança; e do Vir-a-ser, a Vida e a Morte.

As energias de Deus são a Mente e a Alma; do Éon, a permanência e a imortalidade; do Cosmos, a restauração e o seu oposto; do Tempo, o aumento e a diminuição; e do Vir-a-ser, a qualidade. O Éon está, então, em Deus; o Cosmos, no Éon; no Cosmos, o Tempo; no Tempo, o Vir-a-ser.

O Éon permanece firme em torno de Deus; o Cosmos é movido no Éon; o Tempo tem os seus limites, ou se cumpre, no Cosmos; o Vir-a-ser vem a ser no Tempo.

A fonte, por conseguinte, de tudo é Deus; a sua essência, o Éon; a sua matéria, o Cosmos. A potência de Deus é o Éon; a obra do Éon é o Cosmos —

que jamais veio a ser, e contudo sempre vem a ser pelo Éon.

Por isso o Cosmos jamais será destruído, pois o Éon é indestrutível; nem perece uma parcela sequer das coisas do Cosmos, pois o Cosmos está envolvido pelo Éon por todos os lados. Hermes: Mas a Sabedoria de Deus — que é ela? Mente: O Bem e o Belo, e a Bem-aventurança, e a Virtude inteira, e o Éon. O Éon, então, ordena [o Cosmos], conferindo imortalidade e permanência à matéria.

Pois o seu princípio depende do Éon, como o Éon depende de Deus. Ora, a Gênese, ou Vir-a-ser, e o Tempo, no Céu e sobre a Terra, são de duas naturezas. No Céu são imutáveis e indestrutíveis, mas na Terra estão sujeitos à mudança e à destruição. Ademais, a alma do Éon é Deus; a alma do Cosmos é o Éon; a alma da Terra, o Céu.

E Deus está na Mente; e a Mente, na Alma; e a Alma, na Matéria; e todos eles por meio do Éon. Mas todo este Corpo, no qual estão todos os corpos, está cheio de Alma; e a Alma está cheia de Mente, e a Mente, de Deus. Ela (isto é, a Alma) o enche (isto é, o Corpo do Cosmos) por dentro e por fora o envolve, fazendo viver o Todo.

Por fora, esta Vida vasta e perfeita [envolve] o Cosmos; por dentro, enche-[o com] todas as vidas; em cima, no Céu, permanecendo na identidade; embaixo, na Terra, mudando o vir-a-ser.

E o Éon conserva este [Cosmos], seja pela Necessidade, seja pela Providência, seja pela Natureza, seja pelo que quer que um homem suponha ou venha a supor. E tudo isto é Deus energizando. A Energia de Deus é uma Po-

tência que nada pode jamais superar, uma Potência com a qual ninguém pode comparar coisa humana alguma, nem coisa divina.

Por isso, ó Hermes, nunca penses que alguma das coisas de cima ou das coisas de baixo é semelhante a Deus, pois cairás fora da verdade. Pois nada é semelhante Àquele que não tem semelhante e é Só e Uno. E nunca penses que algum outro possa possuir a Sua potência; pois que há, à parte d'Ele, de vida, de imortalidade e de mudança de qualidade?

Pois que outra coisa haveria Ele de fazer? Deus não está inativo, pois [então] todas as coisas careceriam de atividade; pois todas estão cheias de Deus. Mas nem no Cosmos, em parte alguma, nem em qualquer outra coisa há inação. Pois "inação" é um nome que não pode aplicar-se nem ao que faz nem ao que é feito.

Mas todas as coisas devem ser feitas; tanto sempre feitas como também conforme a influência de cada lugar. Pois Aquele que faz está em todas elas; não estabelecido em alguma delas, nem fazendo uma só coisa, mas fazendo todas. Pois, sendo Potência, Ele energiza nas coisas que faz e não é independente delas — embora as coisas que faz Lhe estejam sujeitas.

Contempla agora, através de Mim, o Cosmos que está agora sujeito à tua vista; observa atentamente a sua Beleza — um Corpo em pura perfeição, embora não haja outro mais antigo, sempre na flor da vida e sempre jovem, ou melhor, numa flor cada vez mais plena!

Vê, também, os sete Mundos sujeitos, ordenados pela ordem do Éon e cumprindo o Éon com o seu curso variado! [Vê como] todas as coisas [estão] cheias de luz, e em parte alguma [há] fogo; pois é o amor e a mistura dos

contrários e dos dessemelhantes que dá nascimento à luz que desce brilhando pela energia de Deus, o Pai de todo bem, o Condutor de toda ordem e o Governante das sete ordenações do mundo! [Vê] a Lua, precursora de todos eles, instrumento da natureza e transmutadora da sua matéria inferior! [Olha] a Terra posta no meio do Todo, alicerce do Cosmos Belo, alimentadora e nutriz das coisas da Terra! E contempla a multidão das vidas imortais, quão grande é, e a das vidas sujeitas à morte; e no meio, entre ambas, as [vidas] imortais e as mortais, [vê] a Lua que gira.

⁂

E todas estão cheias de alma, e todas são movidas por ela, cada uma a seu modo; umas em torno do Céu, outras em torno da Terra; [vê] como as da direita não [se movem] para a esquerda, nem as da esquerda para a direita; nem as de cima para baixo, nem as de baixo para cima. E que todas elas estão sujeitas à Gênese, meu caríssimo Hermes, já não precisas aprender de Mim.

Pois são corpos, têm almas e são movidas. Mas é impossível que se juntem numa unidade sem alguém que as junte [todas]. Deve ser, então, que tal ser seja alguém que é completamente Uno.

Pois, sendo diferentes os muitos movimentos de [todas] elas, e não sendo semelhantes os seus corpos, e tendo sido, no entanto, ordenada uma só velocidade para todas, é impossível que haja dois ou mais fazedores para elas. Pois uma só ordem não se mantém entre "os muitos"; mas virá a rivalidade dos mais fracos com os mais fortes, e eles lutarão.

E se o fazedor das vidas que sofrem mudança e morte fosse outro que o fazedor das imortais, desejaria fazer também as imortais; assim como o fazedor das imortais [desejaria fazer as vidas] que sofrem a morte. Mas vamos! Se houvesse dois — se a matéria é uma e a Alma é uma —, nas mãos de quem estaria a distribuição para o fazer? E se ambos tivessem parte dela, nas mãos de quem estaria a parte maior?

Mas concebe-o, então, assim: que todo corpo vivo consiste de alma e matéria, quer [esse corpo seja] de uma [vida] imortal, quer mortal, quer irracional. Pois todos os corpos vivos são animados; ao passo que, por outro lado, os que não vivem são matéria por si só.

E, de modo semelhante, a Alma, quando está em si mesma, é, depois do seu próprio fazedor, causa de vida; mas a causa de toda vida é Aquele que faz as coisas que não podem morrer. Hermes: Como é, então, primeiro, que as vidas sujeitas à morte são outras que as imortais? E, depois, como é que a Vida que não conhece a morte e faz a imortalidade não faz imortais os animais?

Mente: Primeiro, que há alguém que faz estas coisas é claro; e, depois, que Ele é também Uno é muito manifesto. Pois também a Alma é uma, e a Vida é uma, e a Matéria, uma. Hermes: Mas quem é Ele? Mente: Quem poderia ser senão o Deus Uno? A quem mais caberia pôr Alma nas vidas senão só a Deus? Uno, então, é Deus. Seria deveras ridiculíssimo que, confessando tu que o Cosmos é um, o Sol um, a Lua uma e a Divindade una, quisesses que o próprio Deus fosse um ou outro de uma multidão!

Todas as coisas, portanto, Ele faz, de muitos [modos]. E que grande coisa é para Deus fazer a vida, a alma, a imortalidade e a mudança, quando tu

[mesmo] fazes tantas coisas? Pois vês, falas, ouves, cheiras, provas, tocas, andas, pensas e respiras. E não é um homem que cheira, outro que anda, outro que pensa e [ainda] outro que respira.

Mas é um só aquele que faz todas estas coisas. E, contudo, nenhuma delas poderia existir à parte de Deus. Pois, assim como, se deixasses de fazê-las, já não serias um ser vivo, assim também, se Deus deixasse de fazê-las (coisa que não é lícito dizer), já não seria Deus.

Pois, se foi mostrado que coisa alguma pode estar [inativa], quanto menos Deus? Pois se há algo que Ele não faz (se é lícito dizê-lo), Ele é imperfeito. Mas se Ele não só não está inativo, como é [Deus] perfeito, então faz todas as coisas.

Entrega-te a Mim, meu Hermes, por um pouco, e compreenderás mais facilmente como a obra de Deus é uma só, para que todas as coisas sejam — as que estão sendo feitas, ou que outrora foram, ou que hão de ser feitas. E isto, meu amado, é a Vida; isto é o Belo; isto é o Bem; isto, Deus.

E se queres compreender na prática [esta obra], vê o que se passa contigo quando desejas gerar. E, no entanto, isto não é semelhante àquilo, pois Ele não goza. Pois em verdade Ele não tem outro que participe do que Ele opera, pois, operando por Si mesmo, está sempre em obra, sendo Ele mesmo o que faz.

Pois, se Ele se separasse dela, todas as coisas [então] desabariam, e tudo morreria, cessando a Vida. Mas se todas as coisas são vidas, e também a Vida é una, então uno é Deus. E, ademais, se todas são vidas, tanto as do

Céu como as da Terra, e uma só Vida em todas elas é feita ser por Deus, e Deus é ela (isto é, Deus é a Vida Una), então todas são feitas por Deus.

A Vida é o fazer-se-um da Mente e da Alma; por conseguinte, a Morte não é a destruição dos que estão unidos, mas a dissolução da sua união.

O Éon, além disso, é imagem de Deus; o Cosmos, do Éon; o Sol, do Cosmos; e o Homem, [a imagem] do Sol. O povo chama a mudança de morte, porque o corpo se dissolve, e a vida, quando ele se dissolve, retira-se para o não manifesto.

Mas neste sermão (logos), Hermes, meu amado, como ouves, digo que o Cosmos também sofre mudança — pois uma parte dele é feita a cada dia estar no não manifesto —, e porém jamais se dissolve. Estas são as paixões do Cosmos: revoluções e ocultamentos; a revolução é conversão, e o ocultamento, renovação.

⁂

O Cosmos tem todas as formas — não tendo formas exteriores a si, mas mudando-as ele mesmo dentro de si. Visto, então, que o Cosmos é feito ter todas as formas, que poderá ser o seu fazedor? Pois, por um lado, Ele não deveria ser desprovido de toda forma; e, por outro, se tem todas as formas, será semelhante ao Cosmos.

Ao passo que, se tem uma só forma, será por isso menor que o Cosmos. Que diremos, então, que Ele é? — para não levarmos o nosso sermão (logos) à dúvida; pois nada do que a mente concebe de Deus é duvidoso. Ele tem, então, uma só ideia, que é só sua, que não cai sob a vista, sendo incor-

pórea, e [contudo] por meio dos corpos manifesta todas [as ideias]. E não te admires de que haja uma ideia incorpórea.

Pois é como a forma da razão (logos) e os cumes das montanhas nas pinturas. Pois parecem destacar-se fortemente do resto, mas na realidade são inteiramente lisos e planos. E considera agora o que se diz com mais ousadia, mas com mais verdade! Assim como o homem não pode viver à parte da Vida, assim também Deus não pode viver sem fazer o bem. Pois esta é, por assim dizer, a vida e o movimento de Deus: mover todas as coisas e fazê-las viver.

Ora, algumas das coisas ditas devem ter um sentido próprio. Compreende assim, por exemplo, o que vou dizer. Todas as coisas estão em Deus, [mas] não como deitadas num lugar. Pois o lugar é um corpo e imóvel, e as coisas que jazem não têm movimento. Ora, as coisas jazem de um modo no incorpóreo e de outro no ser tornadas manifestas.

Pensa, [então,] n'Aquele que as contém todas; e pensa que nada é mais abrangente que o incorpóreo, nem mais rápido, nem mais poderoso, mas que ele é o mais abrangente, o mais rápido e o mais poderoso de todos.

E assim, pensa a partir de ti mesmo, e manda a tua alma ir a qualquer terra, e ali ela estará mais depressa do que a tua ordem. E manda-a viajar até o oceano; e ali, de novo, estará imediatamente, não como quem passa de lugar em lugar, mas como quem já está ali.

E manda-a também subir ao céu; e ela não precisará de asas, nem coisa alguma a impedirá, nem o fogo do sol, nem o éter, nem o turbilhão, nem os corpos dos outros astros; mas, atravessando-os todos, subirá até o último

Corpo [de todos]. E se quiseres romper também este e contemplar o que está além — se algo há além do Cosmos —, isso te é permitido.

Vê que potência, que rapidez tens! E podes fazer todas estas coisas, e Deus não [as faria]? Então, conhece a Deus deste modo: como tendo em Si todas as coisas como pensamentos, o próprio Cosmos inteiro. Se, pois, não te fizeres semelhante a Deus, não podes conhecê-Lo. Pois o semelhante é cognoscível [só] pelo semelhante.

Faze-te, [pois,] crescer até a mesma estatura da Grandeza que transcende toda medida; salta para fora de todo corpo; transcende todo tempo; torna-te Eternidade (literalmente, Éon); e [assim] conhecerás a Deus. Não concebendo nada como impossível para ti, pensa-te imortal e capaz de conhecer tudo — todas as artes, todas as ciências, o modo de toda vida.

Torna-te mais alto que toda altura e mais baixo que toda profundidade. Reúne em ti todas as sensações de [todas as] criaturas — do fogo, [e] da água, do seco e do úmido. Pensa que estás ao mesmo tempo em todo lugar — na terra, no mar, no céu; ainda não gerado, no ventre, jovem, velho, [e] morto, nos estados depois da morte.

E se conheceres todas estas coisas de uma vez — tempos, lugares, ações, qualidades e quantidades —, podes conhecer a Deus.

Mas se encerras a tua alma dentro do teu corpo e a rebaixas, dizendo: Nada sei; nada posso; temo o mar; não posso escalar o céu; não sei quem fui, nem quem serei — que há [então] entre [o teu] Deus e ti? Pois nada podes conhecer das coisas belas e boas enquanto amares o teu corpo e fores mau.

O maior mal que existe é não conhecer o Bem de Deus; mas poder conhecer [o Bem], e querer, e esperar, é um Caminho Reto, o [Caminho] próprio do Bem, que conduz até lá e é fácil.

Se apenas puseres nele o pé, ele virá ao teu encontro em toda parte, será visto em toda parte, onde e quando não o esperas — acordado, dormindo, navegando, viajando, de noite, de dia, falando [e] nada dizendo. Pois nada há que não seja imagem do Bem.

Hermes: Deus é invisível? Mente: Silêncio! Quem é mais manifesto que Ele? Por esta única razão fez Ele todas as coisas: para que através de todas elas O possas ver. Este é o Bem de Deus, esta [é] a Sua Virtude: que Ele se manifeste através de tudo. Pois nada é invisível, nem mesmo das coisas que são sem corpo. A Mente vê-se a si mesma ao pensar; Deus, ao fazer. Até aqui estas coisas te foram manifestadas, ó Três Vezes Grandíssimo! Reflete sobre todo o resto do mesmo modo contigo mesmo, e não serás desencaminhado.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XII. SOBRE A MENTE COMUM

✦

Hermes: A Mente, ó Tat, é da própria essência de Deus — (se existe tal coisa como a essência de Deus) — e o que esta é, ela e só ela o sabe com precisão. A Mente, então, não está separada da essencialidade de Deus, mas está unida a ela, como a luz ao sol. Esta Mente nos homens é Deus, e por isso alguns dentre os homens são deuses, e a sua humanidade está perto da divindade. Pois o Bom Daimon disse: "Os deuses são homens imortais, e os homens são deuses mortais."

Mas nas vidas irracionais a Mente é a sua natureza. Pois onde está a Alma, ali também está a Mente; assim como onde está a Vida, ali também está a Alma. Mas nas vidas irracionais a sua alma é vida desprovida de mente; pois a Mente é a que opera nas almas dos homens para o bem — opera nelas para o seu próprio bem.

Nas vidas irracionais coopera com a natureza de cada uma; mas nas almas dos homens contraria-as. Pois toda alma, quando se encarna, é imediatamente depravada pelo prazer e pela dor. Pois num corpo composto, como sucos, fervem a dor e o prazer, e neles a alma, ao entrar, é mergulhada.

Sobre quaisquer almas, então, a Mente presida, a estas mostra a sua própria luz, agindo contra as suas predisposições, assim como um bom médico faz com o corpo tomado pela doença: inflige-lhe dor, queimando-o ou cortando-o por causa da saúde. Exatamente do mesmo modo a Mente inflige dor à alma, para resgatá-la do prazer, de onde vem todo o seu mal.

O grande mal da alma é a impiedade; segue-se depois a inclinação para todas as coisas más e para nada de bom. Assim, então, a Mente, contrariando-a, opera o bem na alma, como o médico a saúde no corpo.

Mas quaisquer almas humanas que não têm a Mente como piloto partilham a mesma sorte que as almas das vidas irracionais. Pois [a Mente] torna-se sua cooperadora, dando livre curso aos desejos para os quais [tais almas] são levadas — [desejos] que, pelo ímpeto da luxúria, tendem ao irracional; [de modo que tais almas humanas], tal como os animais irracionais, não cessam de enfurecer-se e de cobiçar irracionalmente, nem jamais se saciam de males.

Pois as paixões e os desejos irracionais são males sobremodo grandes; e sobre eles Deus pôs a Mente para fazer o papel de juiz e de executor.

Tat: Nesse caso, meu pai, o ensinamento (logos) sobre o Destino, que antes me explicaste, corre o risco de ser derrubado. Pois, se está absolutamente determinado pelo destino que um homem fornique, ou cometa sacrilégio, ou faça alguma outra má ação, por que é ele castigado, se praticou a ação pela necessidade do Destino?

Hermes: Todas as obras, meu filho, são do Destino; e sem o Destino nada das coisas corpóreas — nem o bem nem o mal — pode acontecer. Mas está também determinado que quem faz o mal há de sofrer. E por isso ele o faz: para sofrer o que sofre, por tê-lo feito.

Mas por ora, [Tat,] deixemos o ensinamento sobre o vício e o Destino, pois falamos destas coisas em outros [dos nossos sermões]; agora o nosso ensinamento (logos) é sobre a Mente: o que a Mente pode fazer, e como é [tão]

diferente nos homens, sendo tais e tais, e [tão] mudada nas vidas irracionais; e [ainda] que nas vidas irracionais ela não é de natureza benéfica, enquanto nos homens extingue os elementos irascíveis e concupiscentes. Dos homens, por sua vez, devemos classificar uns como guiados pela razão e outros como irracionais.

Mas todos os homens estão sujeitos ao Destino, à gênese e à mudança, pois estes são o princípio e o fim do Destino. E, embora todos os homens sofram as coisas determinadas pelo destino, os guiados pela razão (os que dissemos que a Mente guia) não suportam um sofrimento igual ao dos outros; mas, por se terem libertado do vício, não sendo maus, não sofrem o mal.

Tat: Que queres dizer, de novo, meu pai? Não é mau o fornicador, mau o assassino, e [assim] todos os outros? Hermes: [Não quis dizer isso;] mas que o homem guiado pela Mente, meu filho, embora não seja fornicador, sofrerá como se tivesse cometido fornicação, e, embora não seja assassino, como se tivesse cometido assassínio.

Da qualidade da mudança ele não pode escapar, assim como não pode escapar da gênese. Mas é possível àquele que tem a Mente libertar-se do vício.

Por isso sempre ouvi, meu filho, também o Bom Daimon dizer — (e, se Ele o tivesse posto por escrito, teria ajudado muito a raça dos homens; pois só Ele, meu filho, em verdade, como Deus Primogênito, contemplando todas as coisas, dá voz a palavras (logoi) divinas) —, sim, uma vez O ouvi dizer: "Todas as coisas são uma, e sobretudo os corpos que só a mente percebe.

A nossa vida deve-se à Energia, à Potência e ao Éon [de Deus]. A Sua Mente é boa, e assim também a Sua Alma. E, sendo assim, as coisas inteligíveis

nada sabem de separação. Assim, então, a Mente, sendo Governante de todas as coisas e sendo Alma de Deus, pode fazer o que quiser."

Compreende, pois, e leva esta palavra (logos) de volta à pergunta que fizeste antes — quero dizer, sobre o Destino da Mente. Pois, se eliminares com precisão, filho, [todos] os argumentos (logos) capciosos, descobrirás que em toda verdade a Mente, a Alma de Deus, governa sobre tudo — sobre o Destino, a Lei e todas as outras coisas; e nada lhe é impossível — nem pôr uma alma humana acima do Destino, nem pôr sob o Destino [uma alma] descuidada do que acontece.

Baste isto, por ora, das palavras tão boas do Bom Daimon. Tat: Sim, [palavras] divinamente ditas, meu pai, verdadeiras e proveitosas. Mas explica-me ainda isto.

Disseste que a Mente, nas vidas irracionais, operava nelas como [sua] natureza, cooperando com os seus impulsos. Mas os impulsos das vidas irracionais, segundo penso, são paixões. Ora, se a Mente coopera com [esses] impulsos, e se os impulsos das [vidas] irracionais são paixões, então a Mente também é paixão, tomando a sua cor das paixões. Hermes: Bem posto, meu filho! Perguntas com muita nobreza, e é justo que eu também responda [com nobreza].

Todas as coisas incorpóreas, quando num corpo, estão sujeitas à paixão, e no sentido próprio são [elas mesmas] todas paixões. Pois toda coisa que se move a si mesma é incorpórea, enquanto toda coisa que é movida é corpo. Os incorpóreos, além disso, são movidos pela Mente, e o movimento é paixão.

Ambos, então, estão sujeitos à paixão — tanto o que move como o movido, sendo o primeiro governante e o segundo governado. Mas quando um homem se libertou do corpo, então está também livre da paixão. Mas, mais exatamente, filho, nada é impassível, mas tudo é passível. Porém, a paixão difere da passibilidade; pois uma é ativa, enquanto a outra é passiva.

Os incorpóreos, além disso, agem sobre si mesmos, pois ou estão imóveis ou são movidos; mas, seja como for, é paixão. Mas os corpos sofrem sempre a ação, e por isso são passíveis. Não te deixes, pois, perturbar pelos termos; ação e paixão são uma e a mesma coisa. Usar o termo que soa melhor, porém, não faz mal algum.

Tat: Com toda clareza, meu pai, expuseste o ensinamento (logos). Hermes: Considera também isto, meu filho: que estas duas coisas Deus concedeu ao homem acima de todas as vidas mortais — a mente e a palavra (logos), iguais à imortalidade. Ele tem a mente para conhecer a Deus, e a palavra (logos) proferida para O louvar. E se alguém as usa para aquilo a que deve, em nada diferirá dos imortais. Mais ainda: ao deixar o corpo, será guiado por ambas até o Coro dos Deuses e dos Bem-aventurados.

Tat: Ora, meu pai! — não fazem as outras vidas uso da palavra (logos)? Hermes: Não, filho; mas só uso da voz; a palavra é muito diferente da voz. Pois a palavra é comum a todos os homens, enquanto a voz difere em cada espécie de ser vivo. Tat: Mas também entre os homens, meu pai, a palavra difere segundo cada povo.

Hermes: Sim, filho, mas o homem é um só; assim também a palavra é uma só, e é traduzida, e encontra-se a mesma no Egito, na Pérsia e na Grécia. Pareces, filho, ignorar o valor e a grandeza da Razão (Logos).

Pois o Deus Bem-aventurado, o Bom Daimon, declarou: "A Alma está no Corpo, a Mente na Alma; mas a Razão (Logos) está na Mente, e a Mente em Deus; e Deus é Pai de [todas] estas coisas."

⁂

A Razão, então, é a imagem da Mente, e a Mente, [a imagem] de Deus; enquanto o Corpo é [a imagem] da Forma, e a Forma, [a imagem] da Alma. A parte mais sutil da Matéria é, então, o Ar, ou espírito vital; do Ar, a Alma; da Alma, a Mente; e da Mente, Deus. E Deus envolve tudo e penetra tudo; enquanto a Mente envolve a Alma; a Alma, o Ar; o Ar, a Matéria.

A Necessidade, a Providência e a Natureza são instrumentos do Cosmos e da ordenação da Matéria; enquanto das coisas inteligíveis cada uma é Essência, e a Identidade é a sua Essência.

Mas dos corpos do Cosmos cada um é múltiplo; pois, por possuírem a Identidade, [estes] corpos compostos, embora mudem por si mesmos de um em outro, conservam, contudo, a incorruptibilidade da sua Identidade.

Ao passo que em todos os demais corpos compostos há de cada um certo número; pois sem número não pode haver estrutura, nem composição, nem decomposição. Ora, são as unidades que dão nascimento ao número e o aumentam, e, sendo decompostas, são recebidas de volta em si mesmas.

A Matéria é uma; e todo este Cosmos — o poderoso Deus e imagem do mais Poderoso, unido a Ele e conservador da Vontade e da Ordem do Pai — está repleto de Vida. Nada há nele, em todo o Éon, o Restabelecimento [eterno] do Pai — nem do todo, nem das partes — que não viva. Pois nem uma só coisa morta foi, é ou será [neste] Cosmos.

Pois o Pai quis que ele tivesse Vida enquanto existisse. Por isso deve necessariamente ser um Deus.

Como, então, ó filho, poderia haver no Deus, na imagem do Pai, na plenitude da Vida, coisas mortas? Pois a morte é corrupção, e a corrupção, destruição. Como, então, poderia alguma parte daquilo que não conhece corrupção ser corrompida, ou alguma parcela dele, o Deus, ser destruída? Tat: Não morrem, então, meu pai, as vidas que nele estão e que são as suas partes?

Hermes: Silêncio, filho! — levado ao erro pelo termo usado para o que acontece. Elas não morrem, meu filho, mas são dissolvidas como corpos compostos. Ora, a dissolução não é morte, mas dissolução de um composto; ele é dissolvido não para ser destruído, mas para ser renovado. Pois qual é a atividade da vida? Não é o movimento? Que há, então, no Cosmos que não tenha movimento? Nada há, filho!

Tat: Nem mesmo a Terra, pai, te parece não ter movimento? Hermes: Não, filho; mas antes que ela é a única coisa que, embora em movimento muito rápido, é também estável. Pois como não seria coisa de rir que a Nutriz de todos não tivesse movimento, quando gera e dá à luz todas as coisas? Pois é impossível que sem movimento quem gera o faça. Que perguntes se a quarta parte, ou elemento, não é inerte é coisa ridiculíssima; pois o corpo que não tem movimento não dá sinal de nada senão de inércia.

Sabe, portanto, em geral, meu filho, que tudo o que está no Cosmos está sendo movido para aumento ou para diminuição. Ora, aquilo que se mantém em movimento também vive; mas não há necessidade de que aquilo que vive seja sempre o mesmo.

Pois, sendo simultâneo, o Cosmos, como um todo, não está sujeito à mudança, meu filho, mas todas as suas partes lhe estão sujeitas; contudo, nada [dele] está sujeito à corrupção, nem é destruído. São os termos empregados que confundem os homens. Pois não é a gênese que constitui a vida, mas a sensação; não é a mudança que constitui a morte, mas o esquecimento.

Sendo, então, assim estas coisas, são todas imortais — a Matéria, [e] a Vida, [e] o Espírito, a Mente [e] a Alma, de que se compõe tudo o que vive.

Tudo, então, o que vive deve a sua imortalidade à Mente, e principalmente o homem, que é ao mesmo tempo receptáculo de Deus e da mesma essência que Ele. Pois só com esta vida Deus convive; por visões de noite, por sinais de dia e por todas as coisas Ele lhe prediz o futuro — pelas aves, pelas entranhas, pelo vento, pela árvore. Por isso o homem pretende conhecer as coisas passadas, as presentes e as que hão de vir.

Observa também isto, meu filho: que cada uma das outras vidas habita uma porção do Cosmos — as criaturas aquáticas, a água; as terrestres, a terra; e as criaturas aéreas, o ar; enquanto o homem usa todas estas coisas — terra, água, ar [e] fogo; vê também o Céu e o toca com [os seus] sentidos. Mas Deus envolve tudo e penetra tudo, pois Ele é energia e potência; e não é nada difícil, meu filho, conceber a Deus.

Mas se quiseres também contemplá-Lo, vê a ordenação do Cosmos e [vê] o comportamento ordenado da sua ordenação (há aqui um jogo com a palavra "cosmos", que significa "ordem, arranjo"); vê a Necessidade das coisas manifestadas e [vê] a Providência das coisas que vieram a ser e das que estão vindo a ser; vê como a Matéria está toda cheia de Vida; [vê] este Deus

tão grande em movimento, com todos os [seres] bons e nobres — deuses, daimones e homens!

Tat: Mas estes são puramente energias, ó meu pai! Hermes: Se, então, são puramente energias, meu filho, por quem, então, são energizadas senão por Deus? Ou ignoras que, assim como o Céu, a Terra, a Água e o Ar são partes do Cosmos, exatamente do mesmo modo as partes de Deus são a Vida e a Imortalidade, [e] a Energia, e o Espírito, e a Necessidade, e a Providência, e a Natureza, a Alma e a Mente, e a Duração (isto é, o Éon, ou Eternidade) de todas estas coisas, que se chama o Bem? E nada há das coisas que vieram a ser, ou que estão vindo a ser, em que Deus não esteja.

Tat: Está Ele na Matéria, então, pai? Hermes: A Matéria, meu filho, é separada de Deus, para que lhe possas atribuir a qualidade do espaço. Mas que outra coisa senão massa pensas que ela é, se não é energizada? Ao passo que, se é energizada, por quem é feita assim? Pois as energias, dissemos, são partes de Deus. Por quem, então, são vivificadas todas as vidas?

Por quem as coisas imortais são feitas imortais? Por quem as coisas mudadas são feitas mutáveis? E quer fales da Matéria, do Corpo ou da Essência, sabe que também estas são energias de Deus; e que a materialidade é a energia da Matéria, que a corporeidade é a energia dos Corpos, e que a essencialidade constitui a energia da Essência; e isto é Deus — o Todo.

E no Todo nada há que não seja Deus. Por isso nem o tamanho, nem o espaço, nem a qualidade, nem a forma, nem o tempo envolvem Deus; pois Ele é o Todo, e o Todo envolve tudo e penetra tudo. A esta Razão (Logos),

filho, presta a tua adoração e o teu culto. Há um só modo de prestar culto a Deus: [é] não ser mau.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIII. O SERMÃO SECRETO DA MONTANHA

✦

Tat: [Ora,] nos Sermões Gerais, pai, falaste por enigmas muito obscuros, discorrendo sobre a Divindade; e quando disseste que nenhum homem poderia jamais ser salvo antes do Renascimento, ocultaste o teu sentido.

Além disso, quando me tornei teu Suplicante, na Subida da Montanha, depois que conversaste comigo, e quando ansiei por aprender o Sermão (Logos) sobre o Renascimento (pois isto, acima de todas as outras coisas, é justamente o que não sei), disseste que mo darias "quando te tiveres tornado estranho ao mundo".

Por isso me preparei e tornei o pensamento em mim estranho à ilusão do mundo. E agora completa em mim as coisas que me faltam com aquilo que disseste que me daria a tradição do Renascimento, expondo-a em palavras ou pelo caminho secreto. Não sei, ó Três Vezes Grandíssimo, de que matéria e de que ventre nasce o Homem, nem de que semente.

Hermes: A Sabedoria que compreende em silêncio [tal é a matéria e o ventre de que nasce o Homem], e o Verdadeiro Bem, a semente. Tat: Quem é o semeador, pai? Pois estou inteiramente perdido. Hermes: É a Vontade de Deus, meu filho. Tat: E de que espécie é aquele que é gerado, pai? Pois não tenho em mim parte alguma daquela essência que transcende os sentidos.

Aquele que é gerado será outro, saído de Deus, Filho de Deus? Hermes: Todo em tudo, composto de todas as potências. Tat: Dizes-me um enigma,

pai, e não falas como pai a filho. Hermes: Esta Raça, meu filho, jamais é ensinada; mas, quando Ele o quer, a sua memória é restaurada por Deus.

Tat: Dizes coisas impossíveis, ó pai, coisas forçadas. Por isso quero respostas diretas a estas coisas. Sou eu um filho estranho à raça de meu pai? Não mo escondas, pai. Sou um filho legítimo; explica-me o modo do Renascimento. Hermes: Que posso dizer, meu filho? Só posso dizer-te isto.

Sempre que vejo dentro de mim a Visão Simples nascida da misericórdia de Deus, passei através de mim mesmo para um Corpo que jamais pode morrer. E agora não sou como era antes; mas nasci na Mente. O modo de fazer isto não é ensinado, e não pode ser visto pelo elemento composto por meio do qual vês. Sim, a minha antiga forma composta foi desmembrada para mim.

Já não sou tocado, mas tenho tato; tenho também dimensão; e [porém] sou agora estranho a elas. Tu me vês com os olhos, meu filho; mas o que eu sou não compreendes, [nem mesmo] com o máximo esforço do corpo e da vista.

Tat: Num frenesi feroz e numa fúria da mente me lançaste, pai, pois agora já não me vejo a mim mesmo. Hermes: Quisera, meu filho, que tivesses passado completamente através de ti mesmo, como os que sonham no sono, mas sem dormir. Tat: Dize-me também isto! Quem é o autor do Renascimento? Hermes: O Filho de Deus, o Homem Uno, pela Vontade de Deus.

Tat: Agora me levaste, pai, ao puro estupor. Privado dos sentidos que antes tinha... (lacuna no texto original); pois [agora] vejo a tua Grandeza idêntica à tua forma distintiva. Hermes: Mesmo nisto não estás certo; a forma mor-

tal muda a cada dia. É levada pelo tempo ao crescimento e ao minguar, como coisa não verdadeira.

Tat: Que é, então, verdadeiro, ó Três Vezes Grandíssimo? Hermes: Aquilo que jamais é perturbado, filho, que não pode ser definido; aquilo que não tem cor nem figura alguma, que não é mudado, que não tem veste, que dá luz; aquilo que é compreensível [só] para si mesmo, que não sofre mudança; aquilo que nenhum corpo pode conter. Tat: Em verdade perco a razão, pai.

Justamente quando pensava ser feito sábio por ti, encontro bloqueados os sentidos desta minha mente. Hermes: Assim é, filho: aquilo que é levado para cima como o fogo, e contudo é levado para baixo como a terra; aquilo que é úmido como a água, e contudo sopra como o ar; como hás de percebê-lo com os sentidos — aquilo que não é sólido nem úmido, que nada pode atar nem soltar, de que só em potência e energia pode o homem ter alguma noção —, e mesmo então é preciso um homem que possa perceber o Caminho do Nascimento em Deus?

Tat: Sou incapaz disto, então, ó pai? Hermes: Não, Deus me livre, meu filho! Recolhe-te em ti mesmo, e ele virá; quer, e acontecerá; põe fora de ação os sentidos do corpo, e a tua Divindade nascerá; purifica-te dos tormentos brutais — coisas da matéria. Tat: Tenho então atormentadores em mim, ó pai? Hermes: Sim, e não poucos, meu filho; antes, terríveis e numerosos.

Tat: Não os conheço, pai. Hermes: O primeiro tormento é este, o Não-saber, filho; o segundo é a Tristeza; o terceiro, a Intemperança; o quarto, a Concupiscência; o quinto, a Injustiça; o sexto é a Avareza; o sétimo, o Erro;

o oitavo é a Inveja; o nono, o Engano; o décimo é a Ira; o décimo primeiro, a Temeridade; o décimo segundo é a Malícia.

São doze em número; mas sob eles há muitos mais, meu filho; e, rastejando pela prisão do corpo, forçam o homem que nela está a sofrer nos seus sentidos. Mas afastam-se (embora não todos de uma vez) daquele de quem Deus teve piedade; e é isto o que constitui o modo do Renascimento. E... (lacuna no texto original) a Razão (Logos).

E agora, meu filho, aquieta-te e guarda solene silêncio! Assim não cessará a misericórdia que de Deus flui sobre nós. Daqui em diante alegra-te, ó filho, pois pelas Potências de Deus estás sendo purificado para a articulação da Razão (Logos). A Gnose de Deus veio a nós, e, quando ela vem, meu filho, o Não-saber é expulso.

A Gnose da Alegria veio a nós, e, com a sua vinda, filho, a Tristeza fugirá para os que lhe dão lugar. A Potência que segue a Alegria eu invoco, o teu Domínio de Si. Ó Potência dulcíssima! Demos-lhe de bom grado as boas-vindas, filho! Como, com a sua vinda, expulsa a Intemperança!

Agora, em quarto lugar, invoco a Continência, a Potência contra o Desejo. (Lacuna no texto original.) Este degrau, meu filho, é o firme assento da Justiça. Pois sem julgamento (outros tradutores leem "sem esforço") vê como ela expulsou a Injustiça. Somos feitos justos, filho, pela partida da Injustiça.

A sexta Potência chamo a nós — a que é contra a Avareza, a Partilha-com-todos. E agora que a Avareza se foi, chamo a Verdade. E o Erro foge, e a Verdade está conosco. Vê como [a medida do] Bem está cheia, meu filho, com a

vinda da Verdade. Pois a Inveja se afastou de nós; e à Verdade junta-se também o Bem, com a Vida e a Luz.

E agora nenhum tormento da Treva ousa mais aproximar-se, mas, vencidos, [todos] fugiram com asas sibilantes.

Conheces [agora], meu filho, o modo do Renascimento. E quando vem a Dezena, meu filho, que expulsa a Dúzia, o Nascimento no entendimento (literalmente, "nascimento intelectual", noera genesis) está completo, e por este nascimento somos feitos Deuses. Quem, então, por Sua misericórdia, alcança este Nascimento em Deus, abandonando os sentidos do corpo, conhece-se a si mesmo [como sendo de Luz e Vida] e sabe que consiste destas coisas, e [assim] se enche de bem-aventurança.

Tat: Tornado firme por Deus, pai, já não olho as coisas com a vista que os meus olhos me dão, mas com a energia que a Mente me dá por meio das Potências. Estou no Céu, na terra, na água, no ar; estou nos animais, nas plantas; estou no ventre, antes do ventre, depois do ventre; estou em toda parte! Mas dize-me ainda isto: como são os tormentos da Treva, sendo doze em número, expulsos pelas dez Potências? Qual é o modo disso, ó Três Vezes Grandíssimo?

⁂

Hermes: Esta morada pela qual acabamos de passar (isto é, o corpo humano), meu filho, é constituída do círculo dos doze tipos-de-vida, sendo composta de elementos, doze em número, mas de uma só natureza, uma ideia de todas as formas. Para ilusão do homem há desuniões neles, filho, enquanto na sua ação são um só.

Não só jamais podemos separar a Temeridade da Ira; nem sequer podem ser distinguidas. Segundo a reta razão (logos), então, eles, os Doze, retiram-se naturalmente de uma vez por todas, porquanto são expulsos por nada menos que dez potências, isto é, a Dezena. Pois, filho, a Dezena é aquilo que dá nascimento às almas.

E a Vida e a Luz estão unidas ali onde o Uno tem o ser a partir do Espírito. Segundo a razão (logos), então, o Uno contém a Dezena, e a Dezena, o Uno.

Tat: Pai, vejo o Todo, vejo-me a mim mesmo na Mente. Hermes: Isto é, meu filho, o Renascimento: não mais olhar as coisas do ponto de vista do corpo (coisa estendida em três direções no espaço)... (lacuna no texto), embora este Sermão (Logos) sobre o Renascimento, sobre o qual não fiz comentário — para que não sejamos caluniadores do Todo diante da multidão, a quem, em verdade, o próprio Deus não quer que [o revelemos].

Tat: Dize-me, ó pai: este Corpo, que é feito das Potências, dissolve-se em algum tempo? Hermes: Silêncio, [filho]! Não fales de coisas impossíveis, ou pecarás e o olho da tua Mente se extinguirá. O corpo natural que os nossos sentidos percebem está muito longe deste nascimento essencial. O primeiro deve ser dissolvido; o último jamais pode sê-lo; o primeiro deve morrer; o último, a morte não pode tocá-lo. Não sabes que nasceste Deus, Filho do Uno, assim como eu mesmo?

Tat: Quisera, ó pai, ouvir o Louvor com hino que disseste ter ouvido então, quando estavas na Oitava [a Ogdóade] das Potências. Hermes: Assim como o Pastor predisse [que eu ouviria], meu filho, [quando chegasse] à Oitava. Bem fazes em apressar-te a "levantar a tua tenda" (isto é, libertar-te do corpo físico), pois foste feito puro.

O Pastor, a Mente de todo o domínio, não me transmitiu mais do que foi escrito, pois sabia muito bem que eu seria capaz de aprender tudo por mim mesmo, e de ouvir o que quisesse, e de ver todas as coisas. Deixou-me o fazer das coisas belas; por isso as Potências dentro de mim, assim como estão em todos, rompem em canto.

Tat: Pai, desejo ouvir; anseio por conhecer estas coisas. Hermes: Aquieta-te, meu filho; ouve agora o Louvor que mantém [a alma] afinada, o Hino do Renascimento — um hino que eu não teria julgado conveniente dizer tão prontamente se não tivesses chegado ao fim de tudo. Por isso ele não é ensinado, mas é guardado oculto no silêncio.

Assim, então, meu filho, põe-te num lugar descoberto para o céu, voltado para o vento do sul, ao declinar do sol poente, e presta o teu culto; e do mesmo modo também quando ele nasce, com o rosto voltado para o vento do leste. Agora, filho, aquieta-te! O Hino Secreto

Que toda natureza do Mundo receba a expressão do meu hino! Abre-te, Terra! Que todo ferrolho do Abismo seja aberto para mim. Não vos movais, Árvores! Vou cantar o Senhor da criação, o Todo e o Uno. Abri-vos, Céus, e aquietai-vos, Ventos; [e] que a Esfera imortal de Deus receba a minha palavra (logos)!

Pois cantarei o louvor d'Aquele que fundou tudo; que firmou a Terra e suspendeu o Céu, e ordenou que o Oceano desse água doce [à Terra], tanto às partes habitadas como às que não o são, para sustento e uso de todo homem; que fez o Fogo brilhar para deuses e homens em toda ação. Demos-Lhe todos juntos louvor, a Ele, sublime acima dos Céus, Senhor de toda na-

tureza! É Ele o Olho da Mente; que Ele aceite o louvor destas minhas Potências!

Potências que estais dentro de mim, cantai o Uno e o Todo; cantai com a minha Vontade, todas as Potências que estais dentro de mim! Ó Gnose bem-aventurada, iluminado por ti, cantando por ti a Luz que só a mente pode ver, alegro-me na Alegria da Mente. Cantai louvores comigo, todas as Potências!

Canta louvor, meu Domínio de Si; canta tu por mim, minha Justiça, os louvores do Justo; canta tu, minha Partilha-com-todos, os louvores do Todo; canta por mim, Verdade, os louvores da Verdade! Canta tu, ó Bem, o Bem! Ó Vida e Luz, de nós para vós fluem os nossos louvores!

Pai, dou-Te graças, a Ti, Energia de todas as minhas Potências; dou-Te graças, ó Deus, Potência de todas as minhas Energias!

A Tua Razão (Logos) canta por mim os Teus louvores. Recebe de volta por mim o Todo na [Tua] Razão — a [minha] oblação racional! Assim clamam as Potências em mim. Cantam o Teu louvor, Tu, o Todo; fazem a Tua Vontade. De Ti, a Tua Vontade; a Ti, o Todo. Recebe de todos a sua oblação racional. O Todo que está em nós, ó Vida, conserva-o; ó Luz, ilumina-o; ó Deus, insufla-lhe o espírito. É a Tua Mente que faz de pastor da Tua Palavra, ó Tu, Criador, Doador do Espírito [a todos].

[Pois] Tu és Deus; o Teu Homem assim clama a Ti pelo Fogo, pelo Ar, pela Terra, pela Água, [e] pelo Espírito, pelas Tuas criaturas. É do Teu Éon que encontrei o louvor; e na Tua Vontade, objeto da minha busca, encontrei re-

pouso. Tat: Por teu beneplácito vi este louvor ser cantado, ó pai; também eu o pus no meu Cosmos.

Hermes: Dize: no Cosmos que só a tua mente pode ver, meu filho. Tat: Sim, pai, no Cosmos que só a mente pode ver; pois fui tornado capaz pelo teu Hino, e pelo teu Louvor a minha mente foi iluminada. Mas quisera também eu, da minha mente natural, enviar louvor a Deus.

Hermes: Mas não sem cuidado, meu filho. Tat: Sim. O que contemplo na mente, isso digo. A ti, Progenitor do meu Nascimento, como a Deus, eu, Tat, envio oferendas racionais. Ó Deus e Pai, tu és o Senhor, tu és a Mente. Recebe de mim oblações racionais, como as queres; pois pela tua Vontade todas as coisas foram aperfeiçoadas.

Hermes: Envia tu, filho, uma oblação agradável a Deus, o Pai de todos; mas acrescenta também, meu filho, "pela Palavra" (Logos). Tat: Dou-te graças, pai, por me teres ensinado a cantar tais hinos.

Hermes: Feliz estou, meu filho, por teres dado os bons frutos da Verdade, produtos que não podem morrer. E agora que aprendeste de mim esta lição, promete guardar silêncio sobre a tua virtude e não dar a conhecer a alma alguma, meu filho, a transmissão a ti do modo do Renascimento, para que não sejamos tidos por caluniadores. E agora ambos demos atenção suficiente, eu que falo e tu que ouves. Na Mente te tornaste Conhecedor de ti mesmo e do nosso Pai [comum].

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIV. UMA CARTA A ASCLÉPIO

✦

A Asclépio, saúde da alma!

Na tua ausência, meu filho Tat quis aprender a natureza das coisas que existem e não me deixou adiar o assunto, como seria natural a um filho mais novo, recém-chegado ao conhecimento dos ensinamentos sobre cada ponto em particular. Fui obrigado a lhe dizer mais, para que fosse mais fácil acompanhar a contemplação dessas coisas. Assim, escolhi os principais tópicos do que foi dito e os escrevi brevemente para ti, explicando-os de modo mais místico, como a alguém mais velho e bem versado na Natureza.

Se todas as coisas manifestas existiram e estão sendo feitas, e as coisas feitas não são feitas por si mesmas, mas por outra coisa; se as coisas feitas são muitas — ou melhor, se todas as coisas manifestas e todas as coisas diferentes e desiguais são muitas; e se as coisas que estão sendo feitas são feitas por algo diferente delas —, então há alguém que faz essas coisas.

Ele não pode ser feito, mas é mais antigo que as coisas que podem ser feitas. Pois digo que as coisas que podem ser feitas são feitas por algo diferente delas; mas, entre as coisas que devem sua existência ao fato de terem sido feitas, é impossível que algo seja mais antigo que todas elas, salvo aquilo que não pode ser feito.

Assim, Ele é Supremo, Uno e Único, verdadeiramente sábio em tudo, pois nada é mais antigo que Ele. Ele governa o número, o tamanho e a diferença das coisas que estão sendo feitas, bem como a continuidade de sua forma-

ção. Além disso, as coisas que podem ser feitas são visíveis, mas Ele não pode ser visto. Pois é por isso que Ele faz: para que não possa ser visto.

Portanto, Ele está sempre fazendo e, por isso, nunca pode ser visto. É justo compreendê-lo assim; e, compreendendo, maravilhar-se; e, maravilhando-se, considerar-se abençoado por ter aprendido a conhecer o próprio Pai.

Pois o que é mais doce que o próprio Pai verdadeiro? Quem é Ele, então, e como aprenderemos a conhecê-lo? Não é justo dedicar somente a Ele o nome de Deus, ou o de Criador, ou o de Pai, ou melhor, os três: Deus por seu Poder, Criador por sua Ação e Pai por sua Bondade.

Ora, o Poder difere das coisas que estão sendo feitas, enquanto a Ação consiste em todas as coisas que estão sendo feitas. Por isso, devemos deixar de lado a verbosidade e a conversa tola e compreender estes dois: o que é feito e quem o faz. Entre eles não há termo intermediário; não há um terceiro.

Por isso, em tudo o que conceberes e em tudo o que ouvires, lembra-te destes dois; e pensa que todas as coisas são eles, sem considerar duvidosa nenhuma coisa, nem as de cima nem as de baixo, nem as divinas, nem as sujeitas à mudança ou as obscurecidas. Pois todas as coisas são estes dois: o Criador e o que é feito; e é impossível que um exista sem o outro.

Tampouco é possível que o "Criador" exista sem o "que é feito", pois cada um deles é uma só e mesma coisa. Por isso, não é mais possível separar um do outro do que separar alguém de si mesmo.

Ora, se o Criador não é outra coisa senão Aquele que faz, só, simples e sem composição, é necessário que faça isso por si mesmo; para Ele, o fazer do

Criador é "ser feito". Quanto a tudo o que está sendo feito, não pode ser feito por si mesmo; necessariamente, é feito por outro.

Sem o "Criador", o "que é feito" não é feito nem existe, pois um, sem o outro, perde sua natureza própria pela falta desse outro. Se, então, admitimos que todas as coisas são duas — "aquilo que está sendo feito" e "aquilo que faz" —, todas são uma na união desses dois: "aquilo que conduz" e "aquilo que segue".

Deus, que faz, é "aquilo que conduz"; "aquilo que está sendo feito", seja o que for, é "aquilo que segue".

Não desprezes as coisas feitas por causa de sua variedade, com medo de atribuir a Deus uma condição inferior e falta de glória. Pois sua única Glória é fazer todas as coisas; e isso é, por assim dizer, o Corpo de Deus: o ato de fazê-las. Mas, no próprio Criador, não há pensamento de mal ou de baixeza.

Essas coisas são paixões que acompanham o processo de criação, como a ferrugem acompanha o bronze e a sujeira, o corpo; mas nem o artesão do bronze faz a ferrugem, nem os que geram o corpo fazem a sujeira, nem Deus faz o mal.

É a permanência no estado de criação que os faz perder, por assim dizer, o viço; e foi por isso que Deus criou a mudança, como se fosse uma purificação do vir a existir.

É possível que um mesmo pintor faça o céu, os deuses, a terra, o mar, os seres humanos, todos os animais, as coisas sem vida e as árvores, mas impossí-

vel que Deus faça todas as coisas? Que falta espantosa de entendimento! Que falta de conhecimento sobre Deus!

Os que assim pensam sofrem o destino mais estranho de todos: embora digam que o adoram com piedade e cantem seus louvores, por não atribuírem a Ele a criação de todas as coisas, não conhecem Deus. E, além dessa falta de conhecimento, são culpados da pior impiedade contra Ele, atribuindo-lhe paixões, arrogância ou impotência.

Pois, se Ele não faz todas as coisas, é por arrogância que não as faz, ou porque não é capaz — o que é impiedade pensar.

Deus tem uma só Paixão: o Bem. E aquele que é Bom não é arrogante nem impotente. Pois Deus é o Bem, que tem todo o poder de fazer todas as coisas. Tudo o que pode ser feito é feito por Deus, isto é, por Aquele que é o Bem e pode fazer todas as coisas. Mas, se queres aprender como Ele faz e como são feitas as coisas feitas, podes fazê-lo.

Contempla uma imagem muito bela e muito semelhante: um agricultor lançando sementes na terra — aqui trigo, ali cevada e, mais adiante, alguma outra semente. Contempla o mesmo homem plantando a videira, a macieira e todas as outras árvores. Exatamente do mesmo modo, Deus semeia a Imortalidade no Céu, a Mudança na Terra, e a Vida e o Movimento no universo. Não são muitos, mas poucos e fáceis de contar: são quatro ao todo — o próprio Deus e o Vir a Existir, nos quais estão todas as coisas.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVI. AS DEFINIÇÕES DE ASCLÉPIO AO REI AMOM

✦

Grande é o discurso (logos) que te envio, ó rei — um resumo e uma síntese, por assim dizer, de todo o restante. Pois ele não foi composto para agradar ao preconceito da maioria, já que contém muita coisa que a refuta. Sim, às vezes ele também te parecerá contradizer meus discursos.

Hermes, meu mestre, em muitas conversas, tanto quando estávamos a sós quanto, às vezes, quando Tát também estava presente, disse que, para os que encontrarem meus livros, a composição deles parecerá muito simples e clara; mas, ao contrário, como não é clara e o sentido de suas palavras fica oculto, será ainda menos clara quando, mais tarde, os gregos quiserem traduzir nossa língua para a deles — pois isso distorcerá e obscurecerá muito até mesmo o que já foi escrito.

Traduzido para nossa língua nativa, o discurso (logos) mantém claro o sentido das palavras (logoi), pelo menos. Pois a própria qualidade do som e o poder dos nomes egípcios fazem acontecer aquilo que é dito.

Portanto, ó rei — e tu podes fazer todas as coisas —, preserva este nosso discurso da tradução, tanto quanto puderes, para que mistérios tão poderosos não cheguem aos gregos e para que a fala desdenhosa da Grécia, com toda a sua frouxidão e sua beleza superficial, por assim dizer, não tire toda a força da fala solene e poderosa, a fala eficaz dos Nomes.

Os gregos, ó rei, têm palavras novas, eficazes somente na "argumentação"; e assim é a filosofia dos gregos: ruído de palavras. Nós, porém, não usamos palavras; usamos sons cheios de atos.

Assim, começarei o discurso invocando Deus, Senhor e Criador de todas as coisas, Pai delas e Aquele que as envolve; Ele, embora seja o Todo, é Um, e, embora seja Um, é o Todo, pois a Plenitude de todas as coisas é Uma e está em Um, sem que este Um venha como um segundo Um, mas sendo ambos Um. E quero que guardes esta ideia durante todo o estudo do nosso discurso, ó Pai!

Pois, se alguém tentasse separar Daquele que parece ser Todo, Um e o Mesmo, aquilo que é Um, ficaria claro que tirou o título de "Todo" da ideia de multiplicidade, e não da de plenitude — o que é impossível; pois, se separar o Todo do Um, destruirá o Todo. Todas as coisas devem ser Um — se de fato são Um. Sim, são Um; e nunca deixarão de ser Um, para que a Plenitude não seja destruída. *****

Vê, então, na Terra uma série de fontes de Água e Fogo jorrando de suas partes mais profundas; no mesmo espaço são visíveis as três naturezas — Fogo, Água e Terra —, todas ligadas a uma só Raiz. Por isso também se acredita que ela seja o Tesouro de toda matéria. Ela libera o que tem em abundância e, no lugar do que libera, recebe a substância que vem do alto.

Pois assim o Demiurgo — quero dizer, o Sol — ordena eternamente o Céu e a Terra, derramando Essência e recolhendo Matéria, atraindo todas as coisas para girarem em torno de Si e virem a Si, e dando a todas as coisas, de Si mesmo, tudo o que têm.

Pois é Ele que estende suas belas energias não só pelo Céu e pelo Ar, mas também pela Terra, até as profundezas mais baixas e o Abismo.

E, se há uma Essência que só a mente pode apreender, essa é a Sua Substância; seu reservatório seria a Sua Luz. Mas de onde essa Substância surge ou flui, só Ele sabe. * * * * * Ou melhor, no espaço e na natureza, Ele está perto de Si mesmo... embora não seja visto por nós... compreende-O por conjectura.

No entanto, a visão Dele não fica entregue à conjectura; seus próprios raios, em todo o seu esplendor, brilham ao redor de todo o Cosmos, acima e abaixo. Pois Ele está estabelecido no centro, envolto pelo Cosmos, e, como um bom cocheiro, conduz com segurança a equipe cósmica e a mantém junto de Si, para que não fuja em terrível desordem. As rédeas são a Vida, a Alma, o Espírito, a Imortalidade e a Geração. Ele a deixa então seguir, mas não para longe de Si — ou melhor, para dizer a verdade, junto consigo.

E é assim que Ele opera todas as coisas. Aos imortais, concede permanência perpétua; e, com o hemisfério superior de Sua própria Luz — tudo o que envia para cima, do outro lado de Si, o lado voltado para o Céu —, nutre as partes imortais do Cosmos. Mas, com o lado que envia sua Luz para baixo e ilumina todo o hemisfério da Água, da Terra e do Ar, Ele dá vida e, por meio dos nascimentos e das mudanças, mantém em movimento os animais destas partes inferiores do Cosmos. . . .

Ele os transforma em espiral e os converte uns nos outros, gênero em gênero, espécie em espécie; suas mudanças recíprocas de uns para os outros se equilibram — assim como faz ao lidar com os Grandes Corpos. Pois, no caso de todo corpo, sua permanência consiste na transformação. No caso de

um ser imortal, não há dissolução; mas, quando é mortal, a dissolução o acompanha. É assim que o corpo imortal difere do mortal, e que o mortal difere do imortal.

Além disso, assim como a Sua Luz é contínua, também é contínuo o Seu poder de dar vida aos seres vivos, e não pode ser limitado pelo espaço nem pela abundância. Pois há muitos coros de daimones ao Seu redor, como exércitos de tipos muito diversos.

Embora vivam entre os mortais, não estão longe dos imortais; tendo por quinhão os espaços que vão daqui até os dos deuses, zelam pelos assuntos dos homens e executam o que os deuses determinam — por meio de tempestades, redemoinhos e furacões, de transformações causadas pelo fogo e de terremotos, e também de fomes e guerras que retribuem a impiedade humana —, pois, para os seres humanos, esse é o maior mal contra os deuses.

Pois o dever dos deuses é conceder benefícios; o dever da humanidade é prestar culto; o dever dos daimones é retribuir. Quanto às demais coisas que os homens fazem por erro, imprudência ou necessidade, a que chamam Destino, ou por ignorância, elas não são consideradas passíveis de retribuição pelos deuses; só a impiedade é culpada diante deles.

O Sol é o preservador e o nutridor de todas as classes. E, assim como o Mundo Inteligível, envolvendo o Sensível em seu abraço, enche-o por inteiro, dotando-o de formas de todo tipo e feitio, também o Sol preenche tudo no Cosmos, concedendo nascimento a todos e fortalecendo-os. Quando se cansam ou enfraquecem, Ele os toma de novo nos braços.

Abaixo Dele está disposto o coro dos daimones — ou melhor, os coros, pois são numerosos e muito variados, alinhados sob os grupos de Estrelas, em número igual ao de cada uma delas. Assim, organizados em suas fileiras, são servidores de cada uma das Estrelas. Sua natureza é boa ou má, isto é, em suas atividades (pois a essência de um daimon é atividade); alguns deles, porém, são de natureza mista, boa e má.

A todos eles foi concedida autoridade sobre as coisas da Terra; são eles que causam a confusão multifacetada das perturbações na Terra — para os Estados e as nações em geral, e para cada indivíduo em particular. Pois moldam nossas almas à sua semelhança e as põem em movimento com eles, assediando nervos, medula, veias e artérias, o próprio cérebro e até o coração.

Quando cada um de nós nasce e recebe vida, os daimones se apoderam de nós — aqueles que, naquele momento, estão a serviço da roda da Geração e se encontram sob cada uma das Estrelas. Pois eles mudam a todo instante; não permanecem os mesmos, mas voltam a circular. Descendo pelo corpo até as duas partes da alma, põem-na em movimento, cada um em direção à sua própria atividade. Mas a parte racional da alma está acima do domínio dos daimones, destinada a ser receptáculo de Deus.

Aquele que tem um Raio brilhando sobre si, por meio do Sol, dentro de sua parte racional — e são poucos — não é afetado pelos daimones, pois nenhum daimon ou deus tem poder contra um Raio de Deus. Quanto aos demais, são todos conduzidos e impelidos, alma e corpo, pelos daimones, e amam e odeiam as atividades deles. A razão (logos), portanto, não é o amor que se engana e engana. Os daimones, assim, exercem todo esse governo

terreno, usando nossos corpos como instrumentos. Hermes chamou esse governo de Heimarmenē.

O Mundo Inteligível depende de Deus; o Sensível depende do Mundo Inteligível. Por meio do Cosmos Inteligível e do Sensível, o Sol derrama abundantemente a corrente do Bem que vem de Deus, isto é, a operação demiúrgica. Ao redor do Sol estão as Oito Esferas, que dependem Dele: a dos Imóveis, as seis dos Errantes e uma Circunterrena. Das Esferas dependem os daimones; destes, os homens. Assim, todas as coisas, e cada uma delas, dependem de Deus.

Por isso Deus é o Pai de todos; o Sol, seu Demiurgo; o Cosmos, o instrumento da operação demiúrgica. A Essência Inteligível rege o Céu; o Céu, os deuses; e os daimones, dispostos sob os deuses, regem os homens. Essa é a hoste de deuses e daimones. Por meio deles, Deus faz todas as coisas para Si mesmo. E todos são partes de Deus; e, se todos são partes, então Deus é tudo.

Ao fazer tudo, Ele faz a Si mesmo; nunca pode deixar de fazer, pois Ele mesmo é incessante. Assim como Deus não tem fim nem começo, também o Seu fazer não tem fim nem começo. * * * * *

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVII. ASCLÉPIO AO REI

✦

Asclépio. Se pensares bem, ó rei, até mesmo entre os corpos há coisas sem corpo.

O rei. Quais? — perguntou o rei.

Asclépio. As imagens que aparecem nos espelhos não parecem não ter corpo?

O rei. É verdade, ó Asclépio; pensas como um deus! — respondeu o rei.

Asclépio. Também há outras coisas sem corpo. Por exemplo, as formas: não te parecem não ter corpo, mas aparecer em corpos, tanto nas coisas que têm alma quanto nas que não têm?

O rei. Falas bem, Asclépio.

Asclépio. Portanto, há reflexos de coisas sem corpo nos corpos, e também de corpos nas coisas sem corpo — isto é, do Sensível no Mundo Inteligível, e do Mundo Inteligível no Sensível.

Por isso, presta culto às imagens, ó rei, pois elas também têm suas formas vindas do Mundo Inteligível.

(Então Sua Majestade se levantou e disse:)

O rei. É hora, ó Profeta, de cuidar do conforto dos nossos hóspedes. Amanhã retomaremos nossa conversa sagrada.

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVIII. O ELOGIO DOS REIS

✦

[Ora,] no caso daqueles que professam a harmoniosa arte da melodia semelhante à das Musas, se, quando a peça é tocada, a desafinação dos instrumentos atrapalha sua intenção, a execução se torna ridícula. Pois, quando seus instrumentos são fracos demais para o que se exige deles, o artista da música acaba sendo motivo de riso para o público.

Ele, com toda boa vontade, oferece sua arte sem se cansar; eles culpam a fraqueza [do artista]. Aquele que é o Deus, Músico por natureza, não se cansa: nem ao criar a harmonia de suas canções [celestiais], nem ao transmitir o ritmo da melodia de sua própria canção [ou de suas canções] a cada um dos instrumentos. Pois em Deus não há cansaço.

Assim, se algum músico deseja participar da mais alta disputa de sua arte, pode fazê-lo: quando os trompetistas executam a mesma frase da habilidade [do compositor] e, em seguida, os flautistas tocam em seus instrumentos as doces notas da melodia, completando a música da peça com flauta e plectro, [se algo der errado,] ninguém culpa a inspiração do criador da música. Não, [de modo algum]: a ele se presta o respeito que lhe é devido; culpa-se a desafinação do instrumento, que se tornou um obstáculo para os mais excelentes, atrapalhando o criador da música na [execução de] sua melodia e privando os ouvintes da doçura do canto.

Do mesmo modo, no nosso caso, que ninguém de nosso público, por causa da fraqueza própria do corpo, culpe impiamente nossa Raça. Saiba, antes, que Deus é Espírito incansável — sempre o mesmo em sua própria ciência,

sem cessar em seus dons alegres e concedendo em toda parte os mesmos benefícios.

E se o Fídias — o Demiurgo — não encontra resposta por falta de matéria para aperfeiçoar sua habilidade, embora o Artista tenha feito tudo o que podia, não o culpemos. Culpemos, antes, a fraqueza da corda, pois, por estar frouxa ou esticada demais, ela estraga o ritmo da harmonia.

Assim, quando o contratempo ocorre por causa do instrumento, ninguém culpa o Artista. Pelo contrário: quanto pior for o instrumento, mais o Artista ganha reputação, pela frequência com que sua mão toca a nota certa; e maior é o amor que os ouvintes dedicam àquele Músico, sem pensar nem por um instante em culpá-lo. Assim também nós, nobres senhores, afinemos de novo nossa própria lira, por dentro, com o Músico!

Sim, vi um dos artistas — embora não soubesse tocar lira —, depois de ser preparado para um tema muito nobre, usar muitas vezes a si mesmo como instrumento e afinar o serviço de sua corda por meio de mistérios, de modo que os ouvintes ficaram admirados ao ver como ele transformava a necessidade em magnificência.

Vocês certamente conhecem a história do harpista que conquistou o favor do Deus que preside a arte da música. [Um dia,] quando tocava por um prêmio e o rompimento de uma corda se tornou um obstáculo na disputa, o favor do Melhor o proveu de outra corda e colocou em suas mãos o dom da fama.

Por presciência do Melhor, um gafanhoto pousou em sua lira e [assim] completou a melodia no lugar da corda [rompida]. E, com o conserto da

corda, cessou a aflição do harpista, que conquistou a fama da vitória.

E sinto que este é o meu próprio caso, nobres senhores! Ainda há pouco, parecia confessar minha falta de força e me mostrar fraco por um momento; agora, porém, pela força daquele Superior, parece que desperto minha musa, como se Ele tivesse aperfeiçoado meu canto sobre o Rei.

Pois vocês devem saber que o objetivo deste nosso dever será a gloriosa fama dos Reis, e que a boa vontade de nosso discurso (logos) se ocupará dos triunfos que eles alcançam. Vamos, então, apressemo-nos! O cantor assim deseja e afinou sua lira para isso; mais ainda: tocará com mais doçura e cantará com mais acerto, pois seu canto trata de temas grandiosos.

Já que afinou especialmente a lira para os Reis, tem a chave dos cantos de louvor e mira os elogios reais, que primeiro se eleve até o Rei supremo — o Deus de todas as coisas. Começando, então, seu canto do alto, desça em segundo lugar aos que são à sua imagem e detêm o poder do cetro, pois os próprios Reis preferem que os temas do canto desçam passo a passo do alto e que suas esperanças sigam, em ordem, a partir de onde seus triunfos são presididos.

Que o cantor comece, então, por Deus, o maior Rei de todas as coisas, sempre livre da morte, eterno e dotado de todo o poder da eternidade, o Vitorioso glorioso, o primeiro de todos, de quem descem todas as vitórias para os que, em sucessão, também alcançam a vitória.

Nosso discurso (logos), então, se apressa a passar aos elogios [reais] e aos protetores do bem comum e da paz, os Reis, cujo poder, desde os tempos mais antigos, foi colocado por Deus Supremo no mais alto pináculo; para

quem os prêmios já estavam preparados antes mesmo de demonstrarem sua bravura na guerra; para quem os troféus foram erguidos antes mesmo do choque da batalha.

A eles cabe não só ser Reis, mas também ser os melhores. Diante deles, antes mesmo de se moverem, treme a terra estrangeira. * * * * * (SOBRE A BÊNÇÃO DO MELHOR [E] O ELOGIO DO REI)

Mas agora nosso tema (logos) se apressa a unir o fim ao começo: à bênção do Melhor [e], em seguida, ao encerramento do discurso (logos) sobre aqueles Reis divinos que nos dão o [grande] prêmio da paz. Assim como começamos falando do Melhor e do Poder do Alto, façamos também o fim voltar ao mesmo — o Melhor.

Assim como o Sol, que nutre todas as coisas que crescem, ao nascer recolhe para si os primeiros frutos da colheita com suas mãos poderosas, usando seus raios como se fossem colher os frutos — pois seus raios são, de fato, mãos para aquele que primeiro colhe as essências mais ambrosíacas das plantas —, também nós, começando pelo Melhor, recebendo assim o fluxo de sua sabedoria e voltando-o para o jardim de nossas almas acima dos céus, devemos conduzir e dirigir esses fluxos de bênção de volta à sua fonte, cuja força germinadora inteira Ele próprio derramou em nós.

Seriam necessárias dez mil línguas e vozes para devolver suas bênçãos ao Deus puríssimo, que é o Pai de nossas almas; e, embora não consigamos dizer o que convém — pois estamos muito aquém dessa tarefa —, [diremos o melhor que pudermos].

Os recém-nascidos não têm força para cantar a glória do Pai como ela deve ser cantada; mas agradecem devidamente, de acordo com suas forças, e são perdoados por sua fraqueza. Na verdade, a glória de Deus consiste justamente nisto: Ele é maior que seus filhos, e o prelúdio, a fonte, o meio e o fim das bênçãos é confessar que o Pai tem poder infinito e desconhece qualquer limite.

Assim também se dá com o Rei. Nós, homens, como se fôssemos filhos do Rei, sentimos ser nosso dever natural louvá-lo. Ainda assim, devemos pedir perdão [por nossa insuficiência], embora nosso Pai já o conceda antes mesmo de pedirmos. E, assim como o Pai não se afastará dos recém-nascidos por serem tão fracos, mas se alegrará quando começarem a reconhecer [seu amor], também se alegrará a Gnose de tudo, que distribui a vida a todos e o poder de devolver a Deus a bênção que Ele nos deu.

Pois Deus, sendo bom, tendo eternamente em si o limite de sua própria perfeição eterna, sendo imortal e contendo em si a parte daquela herança que não pode ter fim, fluindo para sempre dessa sua energia, envia notícias a este mundo daqui de baixo [para nos exortar] a oferecer o louvor que nos traz de volta.

Nele, portanto, não há diferença entre uns e outros; não há parcialidade. Eles são um no Pensamento. Uma é a Presciência de todos. Têm uma só Mente: o Pai. Um é o Sentido que age por meio deles: o amor que sentem uns pelos outros. É o próprio Amor que realiza a harmonia de todos.

Cantemos, portanto, o louvor de Deus. Ou melhor, desçamos primeiro até aqueles que receberam dele seus cetros. Devemos começar por nossos Reis e, exercitando-nos com eles, acostumar-nos aos cantos de louvor e treinar-

nos no serviço piedoso ao Melhor. Devemos dar início ao nosso exercício de louvor por meio dele e praticá-lo por intermédio dele, para que haja em nós tanto o exercício de nossa devoção a Deus quanto o louvor aos Reis.

Devemos retribuir-lhes, pois estenderam até nós a prosperidade de uma paz tão grande. A virtude do Rei — ou melhor, somente o seu nome — estabelece a paz. Ele tem o nome de Rei porque, com seu passo tranquilo, nivela os cumes da discórdia e é senhor da razão (logos) que conduz à paz.

E, como se tornou o protetor natural de um reino que não é sua terra natal, seu próprio nome se tornou sinal de paz. Pois vocês sabem que o nome do Rei muitas vezes basta para conter o inimigo. Mais ainda: as próprias estátuas do Rei são portos pacíficos para os mais castigados pelas tempestades.

Basta aparecer a imagem do Rei para obter a vitória e garantir a todos os cidadãos segurança e ausência de medo. * * * * *

Une Sacra · edição 2.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0